



# Eu posso te ouvir

CRISTINA  
VALORI







*Eu posso  
te ouvir*



CRISTINA  
VALORI



Copyright © 2018 Cristina Valori

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

**Revisão:** Glau Tamba

**Capa:** Aline Sant'Ana

**Diagramação Digital:** Layce Design

Todos os direitos reservados.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.





|                                       |
|---------------------------------------|
| <a href="#"><u>Capítulo 1</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 2</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 3</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 4</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 5</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 6</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 7</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 8</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 9</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 10</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 11</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 12</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 13</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 14</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 15</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 16</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 17</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 18</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 19</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 20</u></a>    |
| <a href="#"><u>Agradecimentos</u></a> |

[Sobre a autora](#)

[Outras obras](#)

[Contato](#)





*We should be alone together  
Over there in the corner where nobody else can see...*

Alone Together – Dan+Shay



SEMPRE NO MESMO lugar, na mesma hora, mas em dias alternados. Essa era uma rotina que Carolina conhecia muito bem. Na verdade, já sabia de cor e nos mínimos detalhes; a maneira como nada parecia abalar sua introspecção, a cautela em virar as páginas do livro quase em sincronia com o leve mastigar da refeição, as mãos firmes segurando o copo d'água... uma situação que a garçonete do “Bastille” procurava não nomear como *stalker*. Nem ousaria chegar a tanto. Era somente uma curiosidade boba alimentada por alguns minutos.

— Você pretende ficar aí o dia todo? — Marina chamou atenção da funcionária parada no centro do salão.

— Ah! Desculpe. Mas você sabe... — Carol apontou para o homem que acabara de sair do restaurante. Ombros largos, camisa bem cortada e passos cautelosos ao atravessar a rua.

— Sim. Já conheço essa história. Se você não tivesse chegado atrasada, teria aproveitado mais do que a visão das costas dele — Marina carregava uma bandeja com copos sujos em direção à cozinha. Deslizava com bastante eficiência entre as mesas ocupadas por clientes.

— Eu sei, mas o estágio hoje foi difícil. Fiquei na ala da pediatria e você me conhece — ela seguia a chefe expondo suas desculpas. O som constante do tilintar das louças denunciava a agitação do local.

— Uma manteiga derretida e uma perfeita heroína — Marina depositou a bandeja sobre o balcão e regressou para perto do caixa. Carol continuou no seu encaixo. A curiosidade deixando um rastro pelo chão de cimento queimado.

— Mais ou menos isso. Ele agiu da mesma forma?

— Não. Hoje foi bem diferente... — a morena alta, magra e sorridente consultou as horas percebendo que o alvoroço do horário do almoço se encaminhava para o fim.

— Foi? Não acredito? Ele conversou com você? — a voz soou estridente.

— Hum — Marina se direcionou até o buffet conferindo as opções. Precisava reabastecer o salmão grelhado. — Em vez de pegar o arroz normal preferiu o integral.

— Ah! Você é uma idiota — dessa vez, Carol baixou o tom antes de replicar.

— Ei! Eu sou sua chefe! — ela fingiu uma repreensão inexistente.

— Não por muito tempo — Carol afirmou antes de correr para os fundos do restaurante para trocar a roupa branca pelo uniforme de trabalho.

Infelizmente ou felizmente, depende de quem avaliasse a situação ou o dia, Carolina seguiria sua carreira dentro de mais alguns meses. Trabalhar como garçonne ajudava a bancar os estudos além, é claro, das inúmeras outras vantagens. Ela tinha um horário flexível, salário fixo e uma certa liberdade com a dona do estabelecimento, uma vez que eram amigas de infância.

Servir mesas, alimentava uma de suas características mais marcantes. Carolina amava conversar. Desde os assuntos mais tristes aos saudáveis. Não importava. Qualquer tema virava um jogo de palavras sem fim, até que a próxima pessoa, ou melhor, cliente adentrasse no papo e o ciclo se iniciasse.

Lógico que essa peculiaridade se estendia à sua futura profissão, ser a melhor enfermeira que um hospital pudesse ter. Carolina conversava com os pacientes, às vezes, muito além do necessário. Mas como auferir uma pressão, inspecionar uma febre... e não buscar por assuntos afim de distrair o

doente? Impossível, na sua concepção.

Em alguns momentos, não era ideal falar bastante e ela não conseguia se controlar, apenas queria levar alegria para os enfermos. Durante o estágio, ela conquistou olhares de pura repreensão da enfermeira chefe e, até mesmo, dos médicos de plantão. Nessas horas, ela proferia um pedido humilde de desculpas e prometia se comportar, que geralmente durava dez minutos. Contudo, sua disfunção não a impedia de fazer um trabalho impecável. Talvez essa fosse a magia que envolvia Carolina, angariava sorrisos e agradecimentos a cada troca de plantão.

Por essa razão, ou melhor, pela tentativa em distrair uma criança com medo de agulha, Carolina chegou um pouco atrasada para o seu segundo trabalho naquele dia e, com isso, perdera o seu objeto de desejo.

Um cliente quase assíduo, que também nutria algumas características bem marcantes. Não gostava de conversar, na verdade, ele nunca falava com ninguém. Vinha sempre acompanhado de fones de ouvido e um livro. Servia-se no buffet, pagava sua refeição em dinheiro, sorria para agradecer o atendimento e mantinha-se na mesa preso no seu próprio mundo.

Lógico que Carolina ficara incomodada com aquela atitude. Meu Deus, ela adorava conversar e o cliente nutria uma imensa satisfação em manter-se em silêncio.

— Não exagere, Carol. Vai ver ele trabalha com pessoas como você... — a garçonete ergueu uma de suas sobrancelhas claras ante a acusação implícita de Marina. — e só consegue um pouco de paz nesses momentos. Deixe o cara comer tranquilo.

Ela seguiu o conselho da chefe/amiga. Afinal, como trabalhava somente no período da tarde, seus horários quase não batiam. Salvo alguns minutos entre uma garfada e outra. Contudo, isso não inibia a mente de buscar por respostas. “Caramba! Ele nunca falara com ela nem um *obrigado*, *até amanhã*... um simples *tchau*. Custava lhe dar uma pequena chance, quem sabe um ínfimo comentário?” Ela não estava sugerindo um pedido de casamento ou namoro instantâneo, poderia ser apenas um bate-papo sobre o tempo. Assim, quem sabe, ela saciaria sua necessidade em conhecê-lo um pouco melhor. Por certo, não havia como excluir a beleza latente dele.

Cabelos cor de ébano, a barba sempre bem aparada, alto o suficiente para fazê-la erguer o rosto, caso houvesse algum contato...

Sem perceber, um suspiro audível escapuliu pelos lábios. Ela gostava de conversar, mas sonhar acordada já era uma outra história. Seu pai a repreenderia se estivesse por perto. *Foco, Carolina*, seriam suas palavras.

— Quem sabe amanhã... — murmurou enquanto encarava a mesa onde o seu homem misterioso costumava se sentar, antes de voltar ao trabalho.



QUANDO A MANHÃ do dia seguinte chegou, Carolina estava com o corpo e a mente em frangalhos. Passou à noite entre estudar para as provas e ajudar a mãe com uma encomenda de doces e bolos.

Eleita a filha mais nova de uma família grande e barulhenta, a estudante crescera cercada por pessoas, olhares curiosos, poucos momentos silenciosos e solitários, além, é claro, de muito falatório. Provavelmente, fora essa união tão correta e satisfatória de elementos pouco convencionais que Carolina desenvolveu o hábito da estar sempre em movimento.

Dona Adélia, sua mãe e a maior representante da família Carvalho, era uma doceira de mão cheia. Não completara os estudos, porém, essa falha não a impedia de usar as medidas corretas na hora de despejar o açúcar no preparo do bolo.

— Faço isso há mais de trinta anos, menina. Não preciso voltar para escola agora. — Adélia acrescentava a farinha na batedeira nova que ganhara do esposo.

— Mãe, não estou falando somente para medir a farinha. A senhora pode aprender outras coisas — Carolina mexia com a colher de silicone o chocolate na panela.

— Tudo o que eu preciso está aqui dentro, Carol — a mãe apontou o dedo

para própria cabeça. O aroma adocicado enchia a cozinha pequena e, naquele momento, bagunçada. — Conheço minhas receitas sem olhar o caderno, sei escrever e ler o básico. Por isso, não vejo necessidade de voltar à escola. Agora, chega de papo ou você vai perder o ponto do brigadeiro e nem seus livros complicados serão suficientes para cobrir o prejuízo.

Era uma batalha quase perdida. Entretanto, Carolina não desistiria. Adélia tinha potencial para muito mais do que brigadeiros e beijinhos. Sua mãe poderia ser uma doceira renomada se pensasse grande.

Na verdade, seus pais poderiam estar em outro patamar financeiro se assim quisessem. Senhor Xavier, pedreiro ainda na ativa, mesmo coberto pela aposentadoria, possuía uma gama de conhecimento de dar inveja para qualquer reles mortal. Um senhor alto, robusto e com a face bronzeada pelo trabalho ao sol, tinha uma cartela de clientes quase sempre à disposição, uma vez que não se limitava ao básico. Não. Senhor Xavier adorava elaborar projetos bem modernos. Tudo validado pelos anos vividos, mas, assim como a esposa, também não tinha os estudos completos. Muito menos vontade de mudar o cenário.

Talvez como forma de não repetirem os erros, ambos lutaram muito para que todos os filhos estudassem na melhor escola que puderam pagar. Vamos dizer que trabalharam com rigor e abundância para darem conta de cinco crianças. Um fato que Carolina adorava comentar.

— Não tinham tempo para estudar, mas para fazer filho...

— Aí que você se engana, eles estudavam anatomia, maninha — Jonas, o filho mais velho comentou. Adélia virou o rosto para esconder as bochechas vermelhas.

Anatomia completa, Carolina pensou ao chegar no hospital. Ela tinha um livro em casa sobre o tema e não havia nada escrito como “tenha quantos filhos puder”. No entanto, ela nunca escutara qualquer reclamação dos pais, muito pelo contrário, a satisfação em ter a casa sempre cheia parecia abrandar as dificuldades vivenciadas.

Depois de procurar pela chefe do plantão, cumprimentar os funcionários e outros colegas da faculdade, a futura enfermeira começou a ronda. Atendeu



alguns pacientes, conversou com os familiares sobre questões da sua competência, seguiu orientações da supervisora na hora de coletar exames, verificou os sinais vitais... ou seja, administrou uma manhã rotineira, mesmo que seu corpo gritasse por um descanso.

Quase perto da hora de ir embora, ela foi designada para um último atendimento. O paciente havia acabado de conquistar sua carta de alforria da UTI, mas ainda seguiria mais alguns dias internado.

— Ele é todo seu... — outra estagiária mencionou antes de consultar as horas. — O senhor Tadeu adora conversar. Acho que vocês se darão bem.

— Ah. Meu tipo preferido de paciente — ela sorriu e se virou para seguir seu propósito.

Carolina adentrou no quarto e se deparou com um senhor magro, cabelos grisalhos, olhos sonolentos deitado na cama com lençóis remexidos. A televisão ligada, preenchia o espaço em branco do ambiente. Na tela, um programa de auditório arriscava prender a atenção do internado. Ele virou o rosto na direção dela, tentando assimilar quem atrapalhava o seu descanso merecido.

Seguindo o protocolo, a enfermeira conferiu a ficha dele e os sinais vitais. Notou um curativo no pescoço enrugado e leu no quadro afixado na parede lisa, o tipo de cirurgia que ele havia feito. Retirada de um nódulo na garganta. Na mesma hora, odiou a brincadeira feita pela colega de classe. Na verdade, Carolina repudiava qualquer atitude de mau gosto, principalmente, com os adoentados.

Como o senhor dividia seu mundo entre ausente ou presente, ela se limitou à uma conversa básica. Aproximou-se da grade de proteção erguida e falou com desenvoltura.

— Olá, senhor Tadeu. Tudo bem? — o paciente fixou seus olhos castanhos enevoados pela medicação e meneou a cabeça concordando levemente. — Está com alguma dor? — Outro movimento, agora em negação. — Que bom. Não hesite em chamar se algo estiver lhe incomodando. Basta apertar esse botão aqui, e a cavalaria chegará em instantes. — Mais um movimento. E um sorriso frouxo.

Não era hábito de Carolina pensar nas doenças de forma tão trágica, mesmo que elas fossem. Compreendia muito bem a dimensão de se estar em um hospital. Não era um local onde se ia para passear, num domingo à tarde ou um sábado à noite. No entanto, reprimir a dor e a sensação, algumas vezes, de impotência, lhe dava um pouco de paz. Talvez ser enfermeira, ser tão comunicativa e disposta a alegrar o próximo, tornava tudo menos triste.

Por essa razão, a universitária se compadeceu com o paciente silencioso. Queria ter feito mais do que uma piada boba, ou um toque gentil na mão fria. Desejou ter tempo para distraí-lo do significado daquela cirurgia, como alegrar um pouco o seu dia.

Quando chegou no restaurante, ela exibia a face rosada e a respiração agitada pela pressa. Perder outro “encontro” com o cliente preferido estava fora de cogitação.

Como de costume, lá estava ele, em toda a sua glória e... dedicação a um livro. Os modos contidos ao dar as últimas garfadas destoavam da necessidade de Carolina em chamar a atenção dele. Ela correu para os fundos do restaurante, depois de dar um leve aceno para Marina, que atendia no caixa, e trocou as roupas.

Ao voltar para o salão, infelizmente, a outra garçonete, uma senhora nada carismática, mas que trabalhava no “Bastille” com um profissionalismo intoxicante, já havia recolhido os itens sujos em cima da mesa do cliente. Carolina murmurou um descontentamento, a ocasião em puxar papo parecia perdida.

— E lá se vai a chance de falar com o homem dos seus sonhos... — Marina comentou ao se aproximar da funcionária.

— Não lembro de já ter sonhado com ele — ela acompanhou o movimento tranquilo que ele fazia ao se levantar da cadeira e o modo como segurava o livro junto ao celular.

— Duvido. O cara é lindo, parece inteligente, ombros largos... ah, não esqueça que ele adora ler. Deve ser muito culto também — Marina estava com os braços cruzados na frente do corpo. A camiseta justa do uniforme, exibia uma voluptuosa comissão de frente.

— Sim, mas um tanto misterioso. Não esboça nenhum contato, além do óbvio: estou lendo, ouvindo música, então, não quero papo — ela tentou imitar uma voz masculina bem rouca. Infelizmente, saiu como, talvez, um guaxinim resfriado.

— Ele sorriu para mim — ante a confissão repentina, Carolina virou o rosto na direção da amiga. Os olhos arregalados exigiam uma explicação mais detalhada. — Eu estava no caixa quando ele foi pagar pelo almoço. Falei um “obrigada”, ele deu um sorriso e agradeceu com a cabeça.

— Ah... — a enfermeira se lembrou do paciente Tadeu. Parecia que aquele dia seria como um agrupamento de meneios.

— Acho essa sua obsessão muito esquisita, Carol. Nem todo mundo gosta de jogar conversa fora como você. Esse papo de elevador, às vezes, é muito chato.

— Tenho noção disso, Marina, mas é que... — apontou para a rua, onde até poucos minutos antes ele caminhava pela calçada.

— Ok. Entendi. O problema é que “ele” — Marina enfatizou com aspas — não lhe deu atenção. Estou errada? — Carolina balançou a cabeça. Sim, aquele dia estava para os balanços. — Então, por que você não tenta ir até e... exige um diálogo?

— Já fiz isso. Na última vez que consegui recolher o seu prato, perguntei se desejava um café. Ele nem se deu o trabalho de responder. O livro parecia mais importante.

— Sinto muito. Olha, se ele vier amanhã, e a correria aqui estiver fácil de lidar, prometo tentar arrancar alguma informação dele. Que tal? — Marina sugeriu mesmo que fosse difícil conseguir. Horário de almoço versus falta de funcionário, dificultava um pouco o entrosamento.

— Você faria isso? — Não era exatamente o seu maior desejo, mas, talvez, ajudasse a sanar um pouco sua curiosidade.

— Por que não? Até eu já estou um pouco curiosa.

Era uma mentira, mas Marina preferiu o caminho mais fácil. Sua amiga parecia um espécime difícil de compreender. Quem se importava com um

cara que curtia um isolamento? Pelo jeito, Carolina Carvalho.

Novamente, a enfermeira ficaria somente com o amanhã e o seu homem misterioso.



INFELIZMENTE, O CARA misterioso não voltou mais ao restaurante e sua ausência deveria ser tratada como qualquer cliente ocasional e, Carolina quis se apegar a esse fato para poder lidar com a frustração de não o ter conhecido. No entanto, não era exatamente dessa forma que ela vivenciava a experiência. A universitária estava brava, ranzinza e suas conversas beiravam ao pessimismo.

Na faculdade, a situação também não era das melhores. Semana de prova destruía o humor de qualquer pessoa sadia. Já em casa, o aroma constantemente adocicado, rivalizava com os tons de vozes elevados, às vezes, lhe davam vertigens. Os assuntos sempre alternados num piscar de olhos e a necessidade de ouvir e ser ouvido. Até mesmo no estágio, houve dias, um pouco, fora do comum. Os pacientes não pareciam dispostos a ter um pouco de distração, sempre exibindo uma impaciência latente.

O único que apreciava as visitas de Carolina era o senhor Tadeu. Diferente do primeiro contato, ele havia melhorado substancialmente. As palavras ainda lhe faltavam de forma nítida, afinal suas cordas vocais se reestabeleciam com cautela, porém, suas anuências, balbucias e sorrisos cresciam a cada visita.

Ele a ouvia, sempre. Suplicava por cada minuto extra, até mesmo a chamando além do necessário para ter um pouco de companhia.

— Vá com calma, senhor Tadeu. Segura essa vontade louca de conversar comigo... — Carolina ganhou um sorriso genuíno, enquanto arrumava o lençol na beirada da cama. — Essa semana está muito esquisita, todo cuidado é pouco. Assistiu ao jogo ontem?

Durante suas visitas, a futura enfermeira havia identificado a obsessão dele por esportes. Uma controvérsia muito medonha, afinal, seu vício por cigarros lhe agraciara com um tumor na garganta. Na hora, Carolina o questionou sobre esse fato e, com muito custo, o senhor pacato de olhos castanhos balbuciou “só assisto”. Ele era um expectador nato, agora praticar...

— Não... — a resposta saiu rouca. Ele encarava a melhor enfermeira do hospital. Seus cabelos ondulados estavam bem presos num rabo de cavalo e os olhos castanhos exibiam sempre uma alegria contagiante.

— Vai me dizer que caiu no sono tão cedo? O senhor sabe que não posso ficar o tempo todo ao seu lado falando sem parar, somente para lhe manter acordado — Carolina ajeitou o travesseiro nas costas dele. Já havia terminado os cuidados paciente/enfermeira, porém faltavam poucos minutos para o encerramento do seu horário e nada lhe agradava mais do que passar esse tempinho com alguém que lhe dava atenção.

— Mágico... — voltou a pronunciar com cautela.

— Ah. Sim. Fiquei sabendo desse show. Pena que ele aconteceu fora do meu turno, mas na próxima vez darei um jeito.

No dia anterior, voluntários haviam encenado para alguns pacientes um show de mágica. Não era a primeira vez que acontecia tal evento, mas, infelizmente, Carolina nunca tivera o prazer de apreciar aqueles momentos de pura alegria para os enfermos. Uma vez, depois de ouvir tantos elogios pelos corredores, quase faltou no restaurante para assistir ao show. No entanto, deixar Marina com os cabelos em pé, por causa do truque do coelho na cartola, não parecia ser correto.

— Outro... sábado.

— É mesmo? — Carolina consultou as horas. Só mais cinco minutos, percebeu. Manteve os papéis do paciente em suas mãos, tudo era uma

questão de sobrevivência, caso a chefe entrasse no quarto lhe procurando.

— Dessa vez... — o paciente gesticulou com as mãos o tamanho de uma criança.

— Sim. Sim. Na ala infantil. Talvez eu venha, se a minha mãe não precisar dos meus serviços. Você sabe, né?! Sou a melhor enroladora de brigadeiros... — ele sorriu. Os dentes amarelados pelo cigarro em excesso. — Será que existe essa palavra? Bom, sei lá. — espantou com as mãos o comentário esquisito.

— Conte... sobre... o jogo — juntou as mãos sobre a barriga magra. Senhor Tadeu havia perdido peso nos últimos dias.

— Com certeza, afinal o meu time ganhou...

Naquele dia, Carolina chegou atrasada no restaurante. Mas ver a expressão de pura agonia do senhor Tadeu, todas as vezes que ela comentava os erros do time dele era impagável. Não se importou muito com a demora no atendimento no “Bastille” — talvez só um pouquinho com Marina — uma vez que o homem dos seus sonhos não aparecera, outra vez.



Quando o sábado chegou, a ideia inicial de Carolina era estudar um pouco pela manhã, ajudar a mãe numa encomenda e depois correr para assistir ao show. Talvez não fosse o programa mais divertido para uma jovem solteira, bonita e simpática, mas a falta de um namorado ou de um convite mais audacioso a levou direto para o único compromisso que conseguira pensar.

No entanto, o tiro saiu pela culatra. Seu irmão, Andrey, amanhecera indisposto e não conseguiria fazer as entregas de Adélia. O pai havia saído bem cedo para terminar uma obra, e os outros irmãos — todos muito espertos — mantinham uma agenda atribulada com afazeres fora de casa. Consequentemente, Carolina deixou de lado os estudos e embarcou numa viagem pelas ruas próximas, com caixas de doces no banco traseiro do carro. Contudo, esse auxílio não a liberou dos brigadeiros.

— Você precisa contratar uma pessoa urgente, mãe! — ela enrolava a



massa marrom, com bastante vigor. — Olha como estamos hoje!

— Não exagera, Carolina. Eu tenho cinco filhos, não preciso de ninguém mais além de vocês para me ajudar — a mãe deslizava a espátula com cuidado, sobre a cobertura de pasta americana.

— Ah. Claro! Como eu poderia esquecer — as mãos melecadas pareciam ganhar vida durante a performance. Era a quarta receita que Carolina preparava. — Jonas, por favor, abra as forminhas para mim? Andrey, querido, você pode pegar mais granulado no armário? — As perguntas soavam sarcásticas, afinal, na cozinha, só haviam duas pessoas: ela e a mãe.

Por fim, quando conseguiu chegar no hospital, a apresentação já havia se encerrado restando dois mágicos no corredor, guardando os poucos pertences. A alegria das crianças ainda podia ser ouvida por todo o ambiente, agindo de maneira maravilhosa na cura de suas doenças ou somente aliviando cenários pré-definidos.

— Caramba. Perdi outra vez — Carolina gesticulou igual a um paciente insatisfeito com a refeição do hospital. — Vou passar mais um tempo ouvindo os elogios.

— Voltaremos na próxima semana, moça — o mágico que ficara por último, afirmou. Ele tinha o rosto todo pintado de branco, os lábios de um vermelho chamativo e uma única gota negra, em formato de lágrima, sob o olho direito. Carolina encarou as calças pretas, presas por um suspensório da mesma cor combinando com a camiseta de manga longa listrada de branco e preto. Um chapéu escondia os cabelos curtos. — Somos quatro mágicos, mas não conseguimos dar conta de tantas crianças e da ansiedade. Por isso, a direção do hospital marcou outro dia.

— Ah. Que legal. Não vou perder.

Depois de descobrir a data da nova apresentação, Carolina se despediu e antes de ir embora, resolveu passar no quarto do senhor Tadeu, permaneceu por lá alguns minutos, porque o horário de visita se aproximava e ela não queria interromper o encontro dele com os familiares.

No caminho para casa, o rádio do carro pulsava uma música alta. Um gosto que tinha total relação com sua personalidade efusiva. Carolina cantava

as letras já conhecidas, quando uma chuva forte e repentina a forçou diminuir a velocidade. Os limpadores trabalhavam com afinco, assim como o piano na melodia que flutuava pelo ambiente. O ar condicionado, deixava os vidros limpos, porém, a voracidade da água parecia estar em guerra com o mundo.

Parada no farol, ela repetiu a canção se deixando intoxicar pelo aroma doce das últimas entregas. Seus olhos varreram a rua, num gesto involuntário até que algo lhe chamou atenção. Tentando enxergar com mais clareza, abriu um pouco a janela, mas logo se arrependeu. Era impossível manter os olhos abertos. Passou a mão pelo vidro, como se pudesse afastar as gotas d'água. Ao fundo, uma buzina soou quando a luz verde lhe deu permissão, e, mesmo relutante, colocou o carro em movimento. Bem devagar, diga-se de passagem.

Outra vez, a buzina impertinente rompeu o dilúvio. Ela tirou os olhos da rua e encarou o carro inoportuno pelo espelho retrovisor. Um movimento que durou no máximo, um piscar de olhos. Porém, fora o suficiente para que uma figura muito parecida com o seu cliente misterioso desaparecesse em meio as pessoas fugindo de uma tempestade de verão.



CAROLINA GARGALHAVA JUNTO às crianças propagando uma onda de alegria pelo ambiente. Sentada no tapete improvisado de EVA, ela tinha uma paciente de 6 anos apoiada em seu corpo com o braço envolto em um gesso todo rabiscado. Outros funcionários espalhavam-se pela sala abarrotada da ala infantil e sorriam num coro quase em sincronia, enquanto as mímicas eram realizadas.

No centro da alegria, quatro mágicos entretinham a turma usando recursos antigos e contemporâneos. Mímicas e *trolagem* entre eles, agradavam a turma exigente. As palavras verbalizadas somente através dos gestos, pareciam suficientes para o entendimento do público especial. Afinal, sorrir se tornara algo contagiante naquela sala.

Com as mesmas vestimentas do outro dia, seus rostos estavam escondidos pela maquiagem branca excessiva; os narizes com pontas vermelhas; três, com chapéus; e, um, equipado com uma peruca colorida.

A enfermeira agradeceu mentalmente o fato de não estarem com o uniforme completo de palhaço. Quando pequena, um filme de terror onde o vilão usava uma máscara do personagem em questão, havia lhe tirado o gosto por aquele entretenimento.

O show durou um pouco mais de uma hora, porém, foi o suficiente para deixar um rastro de felicidade para que os pacientes enfrentassem a estadia

forçada.

Mesmo fora do seu expediente, Carolina ajudou no retorno das crianças para os quartos e depois decidiu procurar pelos mágicos, afim de agradecer o espetáculo.

— Sempre ouvi comentários maravilhosos sobre vocês e tenho que dar razão. Foi perfeito — ela comentou para o mágico parado em frente a porta da sala de apresentação. Como ainda tinha o rosto embranquecido, Carolina se perguntou se era o mesmo da outra vez.

— Obrigado, moça. Alegrear, é a nossa meta nesse projeto. Damos o nosso melhor para trazer um sorriso no rosto deles e pode ter certeza que é tudo feito de coração — ele tirou o chapéu, para guardar na mochila. O cabelo marcado pelo uso brilhava de suor.

— Ah. Eu sei exatamente o que você quer dizer — ela olhou ao redor procurando pelo restante da turma. — E os seus amigos? Queria dar os parabéns a todos.

— Já foram. Fiquei por último, pois estou esperando a minha carona — ela ficou um pouco desapontada pela notícia, pois gostaria de trocar uma palavra ou duas, claro, com o restante da trupe. Teria oportunidade da próxima vez.

— Bom. Mesmo assim, agradeça a eles por mim, por favor. Adorei estar aqui hoje e farei o possível para participar do próximo evento — o mágico lhe deu um sorriso genuíno com alguns dentes manchados pelo batom vermelho.

Carolina seguiu direto para o quarto do senhor Tadeu com o sorriso preenchendo todo o rosto. Com certeza, ele adoraria ouvi-la falar sobre a apresentação. Na certa, trocariam suas experiências a respeito das piadas.

No caminho, quase perto do seu intento, ela enxergou um dos mágicos parado na frente ao elevador, perto de mais três pessoas. Mesmo de costas, reconheceu as vestimentas e até mesmo o chapéu preto. A enfermeira apertou o passo, para tentar interceptá-lo, uma vez que gritar no corredor não combinava com as regras do hospital.

De repente, um som das engrenagens avisou a chegada do elevador e sem alternativas, ela o chamou — às vezes, valia a pena levar uma bronca ou duas para se conseguir o que queria.

— Ei. Mágico! — ele não se virou ao seu comando, muito menos interrompeu a entrada quando as portas metálicas se abriram. — Mágico!

Os demais se voltaram para encará-la, porém, pareciam alheios ao momento. Talvez estivessem perdidos nos problemas que encontraram no horário de visita.

Não parecia muito lógico ela interromper o propósito das pessoas que utilizavam o elevador, quando as portas estavam prestes a se fecharem, somente para elogiar a atuação daquele mágico. Por essa razão, reprimiu os passos e deixou o agrado para uma próxima vez.

Ao adentrar no quarto do senhor Tadeu, deparou-se com ele tomando um chá da tarde. A televisão ligada no canal de esportes, e as janelas abertas banhando ambiente com uma claridade bem-vinda.

— Boa tarde! Como vai meu paciente predileto?

— Com fome... — a voz rouca e baixa, por ordens médicas.

— Hum. Parece que estamos caminhando para uma alta muito em breve — não era certo, mas Carolina já sentia falta daquele senhor de cabelos grisalhos e, hoje, bem penteados.

— Não aguento mais...

— Nem pense em terminar essa frase — ela retirou a bandeja vazia da frente dele, e levou o carrinho de apoio para o canto. — Primeiro, o senhor não pode abusar na conversa; segundo, se falar algo relacionado ao cigarro, eu chamo a enfermeira e peço para ela caprichar no banho de assento.

Senhor Tadeu estremeceu. Odiava aqueles cuidados vergonhosos. Ele já estava ótimo, principalmente para cuidar das próprias necessidades, mas o médico insistia na sua debilidade.

— Hunf! — levantou as mãos num gesto de desaforo.

— Vamos fazer igual da outra vez. Eu falo, o senhor escuta e gesticula alguma coisa, certo?! — senhor Tadeu concordou com a cabeça. — Igual ao show que assisti aqui hoje.

— Mágico...

— Shh. Gestos, lembra?! — ele deu de ombros. Ela se sentou na cadeira para visitas e continuou. — Então...

Carolina descreveu sua experiência quase nos mínimos detalhes, ao passo que o senhor Tadeu a ouvia com atenção. Se ele próprio não tivesse assistido à apresentação, teria conseguido imaginar muito bem os movimentos, as risadas e brincadeiras. Era o máximo enxergar aquela euforia e, principalmente, a dedicação dela em tornar os dias dele mais alegres. Não mereço essa atenção, ele pensou. Na verdade, seus erros não combinavam com a piedade de ninguém. No entanto, quem era ele para reclamar daquele convívio. Sua doença estava controlada, por um tempo.

— Namorado?

Carolina interrompeu o discurso, ante a questão tão fora de contexto.

— Não entendi? — ele sorriu diante a confusão estampada no rosto dela.

— Você... tem... namorado?

— Ah. Não sei bem de onde veio essa pergunta, mas, com certeza, tem alguma relação com esse líquido correndo aí nas suas veias — apontou para o equipo de soro que afastava as dores do paciente. — Bom. Não tenho.

Senhor Tadeu gesticulou algo parecido com um por quê?

— Não sei ao certo. Talvez por falta de tempo. Talvez porque o meu círculo social se limite aos senhores com mais de 60 anos — ele deu uma leve gargalhada — ou às crianças.

— Bobeira... deve ter... alguém.

Uma imagem rompeu a mente de Carolina. Os dias no restaurante já não eram mais os mesmos e, por mais que achasse impossível, ainda acreditava ter visto seu homem misterioso parado debaixo do toldo, no dia da chuva.

— Sim. Existe alguém, mas também não existe — foi a vez dele ficar um pouco perdido. — Tem um cara, um cliente do restaurante...

Pela segunda vez, Carolina relatou uma história. Diferente da anterior, ela não tinha toques de alegria, somente uma leva gigante de frustração. Explicou seus motivos torpes para exigir um contato, quando, no fundo, desejava

mesmo conhecê-lo melhor, pois o seu coração dava pulos de felicidade quando o via.

— Você... precisa... falar... de novo.

— Acho que não. Já fiz papel de boba uma vez e não pretendo repetir — ela se levantou para iluminar melhor o quarto. Havia permanecido ali, por mais tempo que imaginara. — Além do mais, ele nunca mais apareceu.

— Se voltar... precisa... — senhor Tadeu parou de falar, quando a garganta começou a arder além do normal. O médico havia lhe dito para evitar um diálogo prologando, porém, ele não falou mais do que dez palavras e se essa constatação tivesse, talvez, um motivo, ele se perguntou. Cerrou os olhos, quando o medo de algo pior encheu seu coração. Não devia ter desperdiçado tanto a vida, pensou. Devia ter amado mais, respeitado mais.

Carolina o encarava com um misto de cuidado e carinho. Enxergou os sinais de fadiga e se repreendeu por despejar nos ouvidos dele seu histórico de vida.

— Melhor descansar agora. Preciso ir embora ou a minha mãe mandará me buscar — ela se aproximou para abaixar um pouco o encosto da cama e ajeitar o travesseiro.

— Precisa... falar... — ele segurou a mão dela com determinação. Carolina notou os olhos arregalados, sem entender muito bem aquela necessidade repentina. — Prometa.

— Prometo — ela determinou, quando não encontrou qualquer problema em aceitar o desafio. O homem, provavelmente, nunca mais voltaria ao restaurante.

Senhor Tadeu respirou aliviado. Soltou a mão de Carolina e cerrou as pálpebras permitindo alguns segundos de calma. O corpo estava pesado de sono pelas drogas injetadas em suas veias. Sentiu o toque gentil dela na sua mão e ouviu quando o volume da televisão chegou quase no mínimo. Talvez um cochilo o fizesse bem.



ALÉM DOS BRIGADEIROS, Carolina não possuía nenhum outro dote culinário. Nem mesmo o tempo certo do cozimento de um ovo. Por essa razão, quando Marina lhe pediu uma ajuda na cozinha, uma vez que acontecera uma falta no quadro de trabalho, a gargalhada veio fácil e sinistra. *Você só pode estar louca*, fora as palavras da funcionária a chefe. Contudo, sua amiga estava longe de ter um parafuso a menos. Não. Carolina fora escalada para lavar a louça.

Entre um copo manchado de batom e um prato engordurado, ela remexia o corpo ao som da música que vinha do celular próximo. Nada como uma boa melodia para ocultar a visão monstruosa de louça suja que a aguardava quase formando uma fila bem elaborada ao seu lado. Não era muito do seu conteúdo, mas nem ousaria reclamar. Afinal, na última vez ela quase queimara uma deliciosa fornada de lasanha.

— Carol... — Marina exibia os olhos inquietos ao se aproximar da amiga.  
— Carol... — tocou na tela do celular desligando a música alta.

— Ei... — ela gesticulou com as mãos ensaboadas. — Bem na melhor parte! Preciso de distração para lidar com essa montanha de pratos. Sério?! A partir de amanhã, só descartáveis.

— O que você precisa é largar isso agora e ir lá para frente — Marina fechou a torneira.



— Mas... — ela tentava acompanhar a ansiedade da amiga. As bochechas rosadas, a agitação de seus braços.

— Não discuta comigo. Sou sua chefe, lembra?! — Carolina pegou um pano de prato e limpou as mãos. Talvez não houvesse muito o que fazer. Na verdade, quase tudo era melhor do que encarar aquela pia infinita. — Ah... — Marina deu uma boa olhada no rosto da funcionária. Tirou do bolso da calça jeans um recurso inseparável, gloss labial e entregou a ela. — Tira essa touca, prende o cabelo direito e passa um pouco desse batom.

De repente, um interruptor parecia ter acionado no fundo da mente de Carolina. Todo aquele preparo simplório, só poderia ter um motivo.

— Ele voltou? — a ansiedade parecia ser algo contagioso, a garçonete percebeu. Porém, diferente da chefe, seus movimentos se tornaram confusos.

— Sim, acabei de vê-lo pegando comida. E, pela quantidade ridícula que colocou no prato, o almoço será breve. Então, não perca tempo. Vamos.

Trocando os pés pelas mãos, quase literalmente, ela saiu da cozinha arrumando o cabelo no rabo de cavalo. Passou o gloss seguindo os traços imaginário dos seus lábios, e agradeceu por ele ser incolor. Caso contrário, só Deus poderia dizer como ficara o resultado.

Quando chegou no salão, perscrutou os olhos até encontrar o seu objeto de desejo numa mesa diferente do habitual. O dia parecia propenso às mudanças de rotina. Ele apareceu num horário alternativo, escolheu um local novo, trocou a preferência de bebida e as roupas estavam formais demais. No entanto, o que mais atrapalhava Carolina na conquista daquela amizade, ainda se mantinha firme: os fones de ouvido e o livro.

Como parte do teatro, andou por entre as mesas, despejando simpatia e eficiência. Recolheu os pratos, sorriu para os novos clientes, agradeceu pela presença... obstáculos que colocou por vontade própria, até que a coragem surgisse.

Em determinado momento, voltou-se para Marina e conquistou um olhar de reprimenda. Se pudesse — nada impediria de acontecer mais tarde —, gritaria com a funcionária. Na verdade, Carolina passaria a semana inteira lavando louça, a chefe estabeleceu.

A garçonete respirou fundo afastando a covardia. Pelo amor de Deus, ele era somente um homem bonito! A mente bradava, quase a ensurdecendo. Ela limpou as mãos frias e úmidas no avental, antes de iniciar uma caminhada em linha reta. Porém, no trajeto, uma criança fez a gentiliza de derrubar um copo quase aos seus pés. O acrílico resistiu à queda, contudo, o líquido escuro se espalhou pelo chão até chegar no seu tênis branco.

Imediatamente, os pedidos de desculpas da mãe e do filho se aglomeraram, enquanto Carolina correu até a cozinha para pegar um pano de chão e um balde. Com um olho na sujeira e outro no cara sentado à uma distância de três mesas, trabalhou com displicência e rapidez. No entanto, o homem em questão parecia ter a mesma pressa que ela e levantou-se determinado a ir embora.

— Desculpe, mais uma vez, querida. Meu filho... — a mãe solícita ameaçou ajudá-la. Só ameaça, claro.

— Tudo bem — Carolina falou entre dentes. O menino sorria diante da arte executada. — Isso acontece.

— Eu sei, mas se ele...

Ela desligou-se do comentário e conforme o pano corria pelo chão num movimento ritmado, ela acompanhava as costas largas ocultas por um paletó negro, se direcionar a saída.

Outro dia perdido, murmurou. Ergueu o corpo segurando o balde de um lado e o pano torcido do outro. De repente, o rosto do senhor Tadeu se agitou em sua mente, assim como a lembrança da promessa. Na certa, quando contasse o ocorrido, ela seria reprimida pelo paciente. Por essa razão, Carolina saiu a passos largos, ainda carregando os utensílios de limpeza, em direção à rua.

— Ei, moço... — o chamado foi ganhando vida conforme se aproximava do intento.

Carolina não pensou muito adiante, muito menos no que diria caso ele se virasse. A ideia inicial e talvez a mais importante era ser notada. Depois correria atrás do prejuízo. Por falar em correr, o homem iniciava a travessia da rua, ao passo que ela o chamava. Porém, os fones de ouvido pareciam

dispostos a atrapalhar seu plano.

Uma moça que vinha no sentido contrário, notou a tentativa dela de chamar o homem que caminhava alheio ao movimento da garçonete e se colocou quase na frente dele apontando para Carolina.

Tudo aconteceu num instante, igual ao bater das asas de um beija-flor. Talvez a vida seja assim mesmo, temos que estar sempre alerta, manter nossa atenção em cada passo dado, em cada escolha feita e em cada som de aviso. Pelo menos esse era o mantra de Carolina. Quem sabe algo relacionado à profissão.

Por esse motivo, quando o som estridente de uma buzina preencheu as lacunas daquele *quase* encontro, ela soltou um grito de angústia e dor ao encarar os olhos surpresos do homem misterioso virados na sua direção, antes de um carro jogá-lo ao chão.



NÃO ERA EXATAMENTE daquela forma que Carolina imaginava impor a sua presença. Muito menos ser a causadora de um atropelamento. E, na verdade, para ela, o principal responsável eram os fones de ouvido.

— Não se mexa, por favor — ordenou com o coração acelerado. Ao redor, as pessoas se avolumavam, uns por curiosidade, outros por compaixão. Carolina encarou o rosto tão almejado sentindo uma pontada de culpa. Com base no seu treinamento, procurou por machucados em evidência, mas sem permitir que o dono dos olhos azuis, talvez cinzas se mexesse.

Um gemido rouco de dor, saiu pelos lábios delineados pela barba bem-feita. Ela não ligou para o chão de asfalto sujo e quente que machucava o joelho dela exposto pela calça jeans rasgada. Carolina murmurava palavras de conforto, enquanto pedestres gritavam por socorro ou pela ambulância. O condutor do carro envolvido, passava as mãos pelos cabelos, informando a quem pudesse ouvir, que ele não tivera culpa de nada.

— Calma — a garçonete sussurrava. Suas mãos frias, dando e recebendo o conforto do homem que chiava sua agonia. — A ajuda está chegando...

A enfermeira elevou os olhos procurando por rostos conhecidos. Encontrou Marina segurando o balde largado durante a correria, ao passo que solicitava o afastamento das pessoas.

Ele tentou deslocar o tronco, mas Carolina fora mais rápida. Interrompeu o movimento, com a palma da mão sobre o peito dele e palavras duras de repreensão.

— Você precisa ficar quieto! — o semblante resolutivo chamou atenção do acidentado. O olhar dele um pouco mais alerta, do que minutos atrás. Ele a encarou, dos cabelos eriçados pelo vento e do nervosismo, até ocupar-se dos lábios vistosos. — Sei que está doendo, mas custa aguardar mais um pouco? Já estou ouvindo as sirenes.

Ante as palavras dela, ele relaxou um pouco o corpo. Doía em vários lugares, mesmo que o seu encontro com o carro tenha sido relativamente moderado. Percebeu que a garçonete continuava a falar e tentou se concentrar nas palavras.

— Se você não andasse com esses benditos fones de ouvido, nada disso teria acontecido — ela parecia brava, percebeu. Na verdade, Carolina estava enfurecida. Notou que suas palavras exibiam toda sua fúria, porém, o pulsar crescente em sua cabeça o impedia de acompanhar toda conversa. Mesmo assim, compreendeu o mínimo e tentou exibir um sorriso, mas saiu somente um resfolegar de seus lábios. Não tinha quaisquer condições de iniciar uma discussão sobre culpa ou fones. Por isso, deu um leve aperto na mão dela como se concordasse com sua teoria.

Quando a ambulância chegou, todos foram obrigados a se afastar. Até mesmo Carolina que, a contragosto, aceitou as ordens, mas não antes de descobrir para qual hospital ele seria levado. Por sorte ou ironia do destino, o paciente seria tratado no mesmo local do seu estágio.

Nem precisou pedir à Marina, aquela tarde de folga. E, por ser chefe/amiga — além, claro, de também sentir um pouco de culpa — resolveu levá-la de carro até o hospital.

Chegando lá, adentrou a passos largos no pronto socorro, valendo-se do pequeno crachá com o seu nome, mesmo que em outro horário e procurou por respostas.

— Foi levado para o raio x, mas de acordo com o exame superficial feito pelo plantonista, foi somente um susto. Preciso levar uns documentos lá em

cima, aproveitou para descobrir mais alguma coisa. O.k.?! — a enfermeira, conhecida das pausas para o café, informou Carolina, antes de receber uma resposta positiva em retribuição e seguir seu rumo. Ela não era da família e nem deveria receber esse comunicado. Contudo, parecia que o crachá e o sorriso fácil, obtiveram alguma vantagem.

Carolina forçou a respiração a sair com mais tranquilidade, enquanto apoiava o corpo no balcão da enfermaria. O aroma pungente de limpeza, misturado ao frio do ar-condicionado, de certa forma, a deixou mais serena. Os corredores brancos ou em tons nudes, a agitação dos uniformes brancos, salvo coletes azuis, lhe trazia a sensação de estar em casa.

Apegando-se a essa paz momentânea, forçou a mente a reviver os últimos acontecimentos. O som da buzina; a freada abrupta; o corpo esguio tocando a frente do carro; os olhos assustados lhe encarando e a sua reação instantânea. Percebeu com mais clareza que o automóvel não estava em alta velocidade e murmurou um agradecimento sincero. Na certa, poderia ter sido bem pior.

No entanto, nada amenizava a certeza de que o som, possivelmente alto, pulsando nos ouvidos dele o impediu de evitar o atropelamento. Sim, a culpa era totalmente dele e não de Carolina que o chamava igual a uma maluca, muito menos da mulher que o avisou.

Ela enxergou um assento livre, o jogou o corpo tentando discernir o próximo passo. Esperar pela enfermeira ou usar o crachá novamente. Quebrar mais uma regra, talvez em nada mudasse o final daquela história. Um dia totalmente fora da rotina, concluiu.

Por esse motivo, deixou o pronto-socorro e seguiu direto para sala de exames. Não queria ser uma intrometida, principalmente se a família já estivesse presente. Nesse caso, agiria como uma enfermeira lidando com um paciente qualquer. Longe da verdade.

Prometeu a si mesma, não destilar, naquele momento, sua teoria ao paciente debilitado, procurando somente ocupar-se de sua saúde. Sempre haveria o amanhã.

Ao chegar no terceiro andar, caminhou direto para o balcão de atendimento e, outra vez, fuçou por notícias.

— Você sabe se o rapaz que foi atropelado já fez o exame? Parece que ele subiu não faz muito tempo para o raio x — sua voz soou tranquila, quase monótona. Não havia outra maneira de questionar a enfermeira do local. Carolina não sabia o nome dele ou qualquer outra informação plausível que pudesse ajudá-la. Torceu para que não existisse, naquele momento, outros pacientes na mesma condição.

— O bonitão de cabelo escuro com duas covinhas? — a senhora de cabelos castanhos, falou num tom mais baixo. Não era correto comentar sobre os internados, mas o moço merecia o adjetivo.

— Ah... — ela ficou sem palavras. Primeiro, pelo elogio perfeito; segundo, porque se ela havia enxergado suas covinhas, provavelmente ele havia sorrido. Gesto que nunca fizera para Carolina. — Esse mesmo.

— Ele já fez o exame e foi encaminhado para a sala do doutor. Pelo que pude xeretar, está tudo bem. Você o conhece?

Carolina comparou àquele momento, a cena de novela ou filme. Se dissesse a verdade, seria levada para fora e, com certeza, ter notícias dele ficaria para o dia seguinte, quando estivesse de plantão. Além, é claro, da possibilidade de receber uma bronca quase merecida por estar no lugar e no horário errado. Pautada nessas, talvez, besteiras, ela usou uma pequena mentira a seu favor.

— Sim. Ele frequenta o restaurante onde trabalho. Quase todos os dias nos falamos — Carolina desviou dos olhos negros a sua frente buscando o celular no bolso. Como se consultasse as horas. — O atropelamento foi bem na minha frente.

— Ah. Que ótimo! — Carolina não compreendeu o súbito sorriso dado pela enfermeira. Como assim? Foi bom ela estar por perto para ajudá-lo? Ela o conhecer? Pelo amor de Deus! Poderia ter sido pior, quase gritou com a colega de profissão.

— Não entendi — comentou entre os dentes, depois de guardar o aparelho.

— Assim você pode ajudar o médico — o vinco entre as sobrancelhas de Carolina, incentivou a enfermeira a continuar. — Vá até o segundo andar e pergunte no posto de enfermagem pela sala do doutor Costa. Enquanto isso,

vou ligar avisando que você está indo para ajudá-lo a conversar com o paciente.

A senhora deu a volta no balcão e pegou o telefone. Os dedos ágeis digitaram alguns números, enquanto Carolina ainda tentava entender a situação. Revisou a conversa buscando por uma mensagem nas entrelinhas. Ela não estava sorrindo, se perguntou. Então, talvez fosse grave e a enfermeira havia amenizado o problema.

— Oi. Clara — a voz agitada da colega, trouxe Carolina de volta para terceiro andar. — Avisa o doutor Costa que consegui alguém para ajudá-lo com aquele paciente. Sim. Esse mesmo, o Matheus. Ah. Com certeza, ela é amiga dele, dever saber a língua dos sinais.

Carolina se deu conta das informações extremamente cruciais. Uma delas, havia tempo que tentava descobrir. Dar nome a um rosto, mesmo que ele nunca houvesse olhado para ela. A outra, respondia as todas as questões feitas ao longo das semanas. Matheus não podia ouvi-la.





MATHEUS OBSERVAVA A cena exibindo uma face preocupada. Os vincos entre as sobrancelhas e os olhares de espanto, causavam um misto de comoção e desespero no médico à sua frente. Era errado. Muito errado, na verdade. Uma vez que ele entendia perfeitamente o que o senhor de cabelos grisalhos tentava relatar sobre resultado dos seus exames. Contudo, a maneira como proferia as palavras para Matheus, igual a uma criança sem qualquer instrução, o transformou num adolescente rebelde.

Muito longe dessa idade tão perturbadora, ele era um homem estudado e muito bem letrado. Sim, era surdo. Não totalmente, mas, o pouquíssimo que conseguia escutar, somente lhe servia para trazer dores horríveis de cabeça e tonturas esmagadoras.

Nem sempre fora dessa forma. Como qualquer pessoa, cheia de curiosidade e intenções com o futuro, ele se imaginou vivendo de outras maneiras. Principalmente, ouvir desde os pequenos sons, até mesmo àqueles que feriam os tímpanos. Todavia, almejar algo impossível não o levaria a lugar algum. *Matheus era a surdez; surdez era o Matheus.* Eles combinavam, se alimentavam das próprias barreiras. O silêncio fazia parte da sua vida.

Passado a fase desse entendimento, Matheus procurou viver da melhor forma possível. Estudar, viajar, curtir amigos, baladas... como qualquer outro ser humano. Contudo, por mais que aceitasse o silêncio e abraçasse a

linguagem dos sinais como sua comunicação, seu círculo social se limitava a outros surdos. Uma comunidade muito forte, segura e propensa a afastar os ouvintes. Lógico que ele poderia culpar a sua falta de paciência em ensinar os sinais, porém, lá fundo, Matheus nunca encontrara alguém que valesse tanto a pena “ouvir”.

Ele sabia que era um pensamento preconceituoso, até mesmo supérfluo, mas, como forma de se garantir, desde a última vez que tentara, resolveu ocultar-se ainda mais do mundo dos sons. Tratando deliberadamente o médico como um idiota.

— O senhor entende o que eu falo? Os exames não apresentaram quaisquer sinais de lesões — as palavras foram ditas de forma pausada, como se assim facilitasse a vida do médico e do paciente.

Matheus já havia entendido a conversa, sua leitura labial era perfeita. Mas, mesmo assim, aprofundou o seu semblante de dúvida. Quase sorriu quando o médico fez *hunf* através dos lábios ressequidos. Matheus gesticulou qualquer sinal e enxergou o desespero nos olhos senhor experiente. Ele adorava essa parte do teatro: a incompreensão das pessoas. O clínico geral endireitou a coluna e resolveu aderir à métodos antigos, buscou na gaveta um bloco de notas e começou a escrever.

De repente, a porta foi aberta e Matheus acompanhou a entrada de uma enfermeira seguida por uma moça que conhecia muito bem. Sim, ele sabia exatamente quem era a dona dos cabelos loiros sempre presos num rabo de cavalo. Sim, já percebera os seus olhares furtivos. Sim, fingia indiferença, quando, na verdade, a acompanhava todas as vezes que almoçava no restaurante. Sim, ela fora, provavelmente, a responsável pelo seu atropelamento e não os fones de ouvido. Muito menos sua surdez.... e quando prestou atenção nos lábios dela conversando com o médico, sim, pensou, seria engraçado ela tentar traduzir seus sinais.

Matheus sorria para Carolina, como se fossem verdadeiros amigos. Ele até se levantou, mesmo que algumas partes do seu corpo estivessem doloridos, e caminhou até ela para lhe dar um abraço.

A garçonne ofegou ante o movimento surpresa e suas bochechas esquentaram. Não entendia muito bem o motivo para tal atenção e procurou

aceitar o mais plausível: Matheus parecia lhe agradecer por algo. Talvez tivesse percebido que a culpa fora dele, Carol imaginou.

Ela se desvencilhou do seu toque, totalmente constrangida com a situação. Emitiu um singelo *oi* e logo se repreendeu. Ele não poderia ouvi-la.

— Será que você poderia traduzir os gestos, Carolina? Realmente gostaria de saber se ele entendeu o que tentei explicar. Não houve qualquer fratura ou lesão. Diante do diagnóstico e ele parece bem, talvez seja liberado ainda hoje.

Matheus encarava o médico, depois voltou os olhos para ela.

— Ah. Claro — a enfermeira pigarreou e virou-se para o paciente. Ele iniciou o movimento de suas mãos com uma rapidez descomunal. De propósito, claro. Na verdade, os gestos remetiam a um diálogo sem qualquer relação com o episódio. Ele confessava o quanto a achava bonita; adorava a forma como ela gostava de conversar com os clientes; o rosto corado ao chegar quase sempre atrasada para o trabalho; a frustração descarada quando ele se levantava para ir embora.

Carolina não sabia o que fazer, além de sorrir para Matheus e concordar com a cabeça para todos os movimentos que suas mãos exibiam. Ela estava perdida, ferrada e, com certeza, seria difícil uma resolução para o seu problema com tranquilidade como acontecia nos filmes.

— Aproveita e pergunta se ele está sentindo alguma dor? — o médico insistiu, apesar de já ter feito uma avaliação minuciosa do paciente, assim que dera entrada no pronto socorro.

— Bom — ela olhou fixamente para Matheus, emitiu um suspiro pesado para depois empertigar o corpo. Buscou por um raciocínio lógico, inexistente, e começou a balançar as mãos tentando formar palavras de uma maneira totalmente desconexa. Por outro lado, Matheus parou por um instante, meneou a cabeça e continuou com a conversa.

Carolina ficou sem entender o que acontecia, uma vez que tinha certeza de ter errado, que dirá elaborado uma sentença lógica, uma vez que tivera contato com Libras... bom, talvez, nem tanto assim, afinal assistir um filme com uma pequena cena com um surdo, não poderia contar para algo. Então... ou Matheus era um homem muito generoso para apartar aqueles movimentos

idiotas ou ele a fazia de idiota.

— Então. O que ele está dizendo? — o doutor dividia sua atenção entre paciente, as mãos ligeiras e o olhar complexo de Carolina.

Matheus, por sua vez, sorria ante o desconforto dela. Enxergou as pupilas dilatadas e a face corada talvez de vergonha. Continuou com a comunicação e para dar mais ênfase, forçou alguns sons pelos seus lábios, como se acentuasse as palavras. Carolina espantou-se e emitiu alguns resfolegar. Só mais um minuto, pensou.

Não daria para fingir por muito mais tempo. Na verdade, seria ridículo e até mesmo irresponsável da sua parte continuar com a mentira. Matheus poderia estar dizendo algo importante, e ignorar essa informação poderia prejudicar a ambos.

— Ah... Então... — ela voltou-se para o médico e pigarreou duas vezes. — Eu... — passou as mãos pelos cabelos, apertando o rabo de cavalo. O celular vibrou no bolso da calça. Na certa, era Marina procurando por notícias ou sua mãe lhe dando as obrigações do dia.

Antes que pudesse continuar, Matheus ergueu o dedo indicador pedindo um minuto. Pegou em cima da mesa do médico o bloco de anotações, escreveu algo e entregou ao médico.

Carolina empertigou o corpo tentando ler o que havia sido escrito, mas o doutor sanou sua curiosidade.

— Sim, como os exames estão bem e o senhor não relatou qualquer desconforto, além do corpo um pouco dolorido, poderá ir para casa ainda hoje. Mas, por favor, se por acaso sentir algo diferente ou se a dor insistir, volte imediatamente.

O médico continuou falando, com o foco central, no rosto de Matheus que parecia ouvi-lo com atenção. Enquanto isso, Carolina aproveitou para soltar um longo e satisfatório suspiro, a solução para os seus problemas acontecera como num filme. Sem perceber, chacoalhou a cabeça e deu um pequeno sorriso. Aquele dia realmente estava diferente. Entre preencher relatórios no estágio, lavar um monte de louça e fingir uma conversa inexistente, tudo acabara bem.

Bom, talvez nem tanto. Afinal ela ainda precisava justificar sua presença naquela sala, além, é claro, de esclarecer o motivo de tê-lo chamado mais cedo. Por sorte, tudo correria melhor do que esperado para alguém que tinha encontrado um para-choque bem de perto, ou ela teria que explicar à família dele como passou de garçoneiro à homicida.

Depois de o médico entregar a receita e explicar – agora de maneira mais calma, uma vez que a leitura labial fora bem entendida –, eles saíram da sala.

Carolina não sabia o que fazer. Na verdade, o saber não era a questão, mas, sim, como. Se fosse com qualquer outro tipo de pessoa, ela estaria falando pelos cotovelos. Tentando exaurir seu oponente através de perguntas e respostas. Contudo, com Matheus ela não sabia nem por onde começar.

No entanto, como ele já havia tido sua dose de rebeldia por um dia, além da satisfação em poder ir para casa sem um arranhão, achou melhor tirar a moça dos olhos voltados para o chão, da miséria. Pegou o celular no bolso do paletó e procurou aplicativo para escrever textos.

*Obrigado por me ajudar.* Elevou o aparelho até a frente do rosto dela. Carolina desviou sua atenção do sapato e leu a mensagem.

*Ah. Por nada.* Ela digitou rapidamente e devolveu o recado.

*Não precisa escrever aqui, se não quiser. Consigo ler lábios, só precisa ficar na minha frente. Eu sou Matheus, mas acho que você já sabe.*

Dessa vez, a enfermeira não escreveu. Parou por um momento, atrapalhando as pessoas que transitavam no corredor e virou-se para ele, seguindo suas instruções antes de continuar.

— Sim. A enfermeira me avisou. Carolina — ergueu a mão e ganhou um cumprimento firme. O toque forte e, ao mesmo tempo, gentil percorreu pelo braço dela até alcançar os lugares certos. Desconfortável com a reação de seu corpo, soltou o agarre. — Você tem certeza de que está bem mesmo?

*Tenho. Acho que foi mais o susto.*

O fato dele precisar encarar os lábios dela fixamente, trouxe uma sensação constrangedora para Carolina. Matheus alternava sua atenção para os olhos castanhos vivos e a boca bem delineada. A pequena pinta no canto

esquerdo do lábio inferior dela, parecia hipnotizá-lo. Sem vontade de regressar para casa e entregar-se por completo ao silêncio, resolveu estender um pouco mais aquele encontro inusitado.

*Estou precisando de um café. Você quer ir comigo para algum lugar?*

Carolina leu as palavras e sentiu o coração acelerar. Tudo começara de forma estranha, até mesmo um tanto trágica, mas parecia caminhar para um final melhor do que esperado. Pensou nos compromissos que a aguardavam em casa: estudar e enrolar brigadeiros. Nenhuma das duas obrigações possuíam o mesmo peso, do que o convite de Matheus. Afinal, ele, enfim, a havia notado.

— Conheço um local aqui perto — ela falou entre um sorriso e outro.

*O.k. Me mostre o caminho. Depois quero saber o que você queria falar comigo naquela hora, antes do acidente.*

Carolina virou o rosto num rompante, escondendo o xingamento, mas Matheus era um homem vivido pela surdez e reconheceu o palavrão dito pela enfermeira.



Ele tem covinhas....

Ela tem aquela pinta....

ESSES ERAM OS pensamentos que vagavam pela mente de ambos. Sentados numa cafeteria frequentada por alguns funcionários do hospital, Matheus e Carolina se ocupavam de uma mesa no canto mais recluso. O horário lhe permitia um pouco de privacidade, principalmente para Carolina. Explicar o que ela fazia ali, com um paciente talvez lhe rendesse o status de fofoca do mês. Engraçado como trabalhar em um lugar grande, ao mesmo tempo respeitoso, possuía uma gama de curiosidade maldosa nas entrelinhas, ela pensou.

Matheus usou o recurso de textos, para fazer os pedidos e Carolina ficou encantada com o gesto cavalheiresco: duas xícaras de café e duas fatias de bolo de cenoura. Mesmo sem voz, ele conseguia se virar no mundo dos ouvintes de maneira exemplar.

— Você sempre usa esse tipo de recurso? — Carolina apontou para o celular. Os dois estavam sentados frente a frente, ora sorvendo o líquido fumegante ora beliscando o bolo. Sem pressa. Sem vontade de ir embora.

*Quando estou cercado de ouvintes, não existe outra maneira. São poucas as pessoas que entendem o que falo.* Matheus digitava com uma velocidade

exorbitante, igualmente aos sinais na sala do médico. A enfermeira compreendeu que deveria ser algo corriqueiro.

— Exatamente como eu — sem perceber ou por qualquer motivo, uma pontada de vergonha despontou em seu rosto. Não fazia muito sentido, pegar aquele comentário para ela, uma vez que Matheus não o fizera em tom de reprimenda. As pessoas simplesmente esqueciam ou não precisam aprender se comunicar com os surdos.

*Sim.* Ele tomou um gole do café, sentido o calor e o sabor da especiaria. Como surdo, ele fora obrigado desde pequeno despertar seus outros sentidos. Enxergar muito além do que as pessoas ouvintes, fazia parte da sua sobrevivência.

— Então, lá na sala do médico, você sabia que eu não conhecia os sinais? — a vergonha outra vez deu as caras, pelo menos por um instante. Carolina possuía a culpa por mentir ou omitir sua ignorância com a língua. No entanto, Matheus também abusara de sua compreensão ao brincar com ela.

*Desculpe por aquilo. Mas deixei rolar, só para ver até onde você iria. Não fique brava, por favor. Pense numa maneira de retribuição, ao acidente que você me ocasionou.* Carolina arregalou os olhos castanhos e emitiu um singelo resmungo. Então, a sua constatação estava certa: ele brincara com ela.

— Eu?... Mas eu estava te chamando... ah... — ela desejou replicar o comentário, porém desistiu. Diante da surdez, fazia todo sentido ignorar o seu chamado. No fundo, então, ela fora culpada de tudo. — Você está certo. A minha tese de defesa é que eu não sabia que era surdo. Se soubesse não teria agido daquela maneira. Teria esperado você atravessar a rua e depois ido atrás. Agora, me diz, qual o motivo dos fones?

*Começou como uma brincadeira, ainda na adolescência. Por algum tempo, desejei ser outra pessoa. Uma não surda. Logo depois deixei de lado essa besteira e comecei a usar os fones para manter as pessoas afastadas. Gosto do silêncio, Carolina. Gosto da minha solidão... e gosto de apreciar minha leitura.* Ela leu a mensagem, e pensou no motivo dele manter àquela postura. Não poderia ser somente a necessidade de manter as pessoas bem longe. Na certa, haveria algo mais forte, bem mais contundente.



— Bom, pelo visto deu quase certo.

Eles conversaram durante um bom tempo. Quando o celular de Matheus mostrou o término da bateria, Carolina emprestou o seu, afim de prolongar o encontro.

Matheus contou sobre o seu gosto por leituras e o seu trabalho como professor de Libras para ouvintes e surdos. Uma ocupação que teve início após a faculdade. Explicou que a surdez era de nascença, assim como o irmão mais velho. Os pais, já falecidos, foram excelentes professores e o ajudaram a entender o mundo silencioso, desde o seu nascimento. Ocultou a parte amorosa, pois era um tema na qual não lhe agradava. Algumas dores, algumas palavras, por mais que não pudessem ser ouvidas, ainda assim, lhe traziam más recordações.

Com bastante calma, Carolina falou sobre a vida. A faculdade, os estágios, família e os brigadeiros. Achou melhor não deixar claro sua obsessão, revelando superficialmente, que já havia prestando atenção nele. Em alguns momentos, se colocou no lugar de Matheus e sentiu um frio extenso na barriga. Não ouvir nada... a música que tanto amava, as risadas da sua família, os gemidos e suspiros dos pacientes. Carolina não conseguia imaginar um mundo onde não houvesse os ruídos angustiantes. Pensou em como parecia difícil para Matheus, utilizar as palavras escritas para ser entendido, enquanto a sua língua permanecia ignorada revelando-se somente no seu círculo social.

Quando chegou a hora de ir embora, eles estavam na porta da cafeteria, aguardando o táxi chamado por ela. Matheus iria para casa do irmão e aguardava sua carona. De repente, Carolina deixou que uma ideia enchesse sua mente. Talvez fosse a maneira que encontrou de manter-se ligada a ele, ou quem sabe sua vontade em descobrir um novo mundo.

— Você me ensina? — ela perguntou, assim que o táxi parou rente a calçada.

*Os sinais?* Matheus tinha o celular dela em mãos. Ele havia gravado o seu número, deixando claro o desejo de continuar aquele papo outro dia. Contudo, mesmo que ela não lhe telefonasse, ainda existia o restaurante.

— Sim, gostaria de aprender — apoiada na porta aberta, ela aguardou a resposta com expectativa. Os olhos deles, azuis, cinzas... Carolina não conseguia identificar com muita clareza as cores que vasculhavam o rosto dela em busca de respostas.

Será que por Carolina valeria a pena lhe mostrar os sinais?, ele se perguntou. Ensiná-la a se comunicar, sem a necessidade dos textos que Matheus tanto odiava. Livrar-se das amarras impostas pela surdez e conversar de igual para igual.

*Não sou muito bom nessa parte, mas posso tentar. Pelo menos assim, você para de fazer aqueles gestos esquisitos.* Ele sorriu exibindo as covinhas e devolveu o aparelho para ela.

Carolina entrou no carro, baixou o vidro e nem ligou para o comentário um tanto maldoso. Ela havia feito besteira mesmo.

— Ah. Pare de ser chato. Eu estava tentando te ajudar e.... salvar a minha pele.

Carolina sorriu e, pela primeira vez em muito tempo, Matheus desejou ouvir outra vez. Geralmente, ele não precisava dos sons para ligar a pessoa a uma situação; para poder dançar, sentindo somente a batida da música sob seus pés; os gemidos para entender o desejo de uma mulher.... Contudo, naquele momento, se ressentiu de sua surdez.



— ROMÂNTICO...? — A VOZ rouca veio quase como um sussurro. A cabeça grisalha negou com um leve balançar. — Trágico...

Senhor Tadeu estava recostado no grande travesseiro bem colocado por Carolina. Os olhos nublados pela noite mal dormida, forçavam-no a se manter alerta. O corpo cansado pelo longo período deitado naquela cama, necessitava urgentemente de uma boa dose de vitamina D.

— Sim, está certo. Poderia ter acontecido algo bem pior. Sabe, se eu tenho culpa, o senhor também tem — ela conferia o pulso tranquilo do paciente. Enxergou as bolsas arroxeadas sob os olhos abatidos e decidiu conversar com a enfermeira chefe sobre esse detalhe. Mas, primeiro, precisava terminar de contar a ele sobre o Matheus

Tadeu apontou para o seu próprio corpo, indicando sua perplexidade. A mão fria e os dedos magros, advertiam uma anemia impertinente. O equipo ainda o alimentava, com drogas para as dores.

— Lógico. Eu só estava cumprindo a promessa — Carolina lhe presenteou com um sorriso genuíno e Tadeu não conseguiu evitar a retribuição do carinho. Sorte do cara que conquistasse aquele coração tão meigo, pensou. E o mantivesse por perto. Situação essa que ele próprio não soube dar valor.

— Ah... — murmurou, pois, a dor na garganta estava pior a cada dia. Os

médicos e suas teorias insistiam que tudo ficaria bem, logo. — Valeu a pena? — forçou a pergunta, mesmo que a queimação do esforço fosse cobrada mais tarde.

— Muito...

Carolina passou os minutos seguintes perdida nas lembranças daquele encontro. Tentou relatar a conversa entre eles da melhor forma que conhecia, rica em detalhes. Nem mesmo o desejo que sentiu ao tocá-lo, ficou de fora; mencionou o compromisso de Matheus em ensiná-la os sinais, o quanto estava ansiosa para aprender e adentrar naquele mundo.

Contar aquela história pela segunda vez — Marina também teve sua cota de fofoca — trazia uma nova lembrança, como se ela enxergasse outros prismas. Olhares talvez significativos; o sorriso carregado pelas covinhas; os cabelos no tom castanho escuro, quase na cor dos seus brigadeiros; a compleição alta e bem ajustada... ou seja, pormenores que isolados poderiam passar despercebidos, mas, quando agrupados em um conjunto bem equilibrado, formavam um homem digno de ser observado.

— Tive uma ideia! — Carolina quase derrubou o seu estetoscópio. Firmou o instrumento de trabalho no pescoço, antes de continuar. — Como o senhor não obedece às ordens médicas ficando bem quietinho, eu lhe ensinarei os sinais. Que tal? Assim junto o útil ao agradável.

Senhor Tadeu deu de ombros para o raciocínio lógico e preciso. Em tempos longínquos, refutaria a intenção com certo menosprezo. Como fez em alguns momentos, causando assim, arrependimentos inesquecíveis. Mudanças de cenário, não fazia parte da sua personalidade. Contudo, sua vida havia mudado drasticamente. Talvez aceitar aquelas aulas o ajudasse a passar os dias, as horas intermináveis naquele hospital frio. Por isso, meneou a cabeça concordando com a enfermeira sorridente.

— Ótimo! Começamos assim que eu tiver as primeiras aulas — ela bateu palmas de forma delicada e cerrou um pouco as cortinas, quando os olhos do Tadeu pareciam se fechar para a fadiga. Fez um carinho em suas mãos enrugadas e ajeitou as cobertas sobre elas. Deu uma última olhada para o paciente, antes de deixar o quarto.

Quando voltava para casa, uma vez que o restaurante naquele dia estaria fechado para dedetização, uma pontada de insegurança lhe açoitou a autoestima. E se o Matheus tivesse concordado somente por ser uma pessoa cordial? Será que ele fora sincero ou quis evitar o constrangimento de Carolina? Indagações superficiais ameaçavam a alegria daquele encontro.

Eles não haviam marcado nada oficialmente, nem mesmo trocaram mensagens durante os três dias que se seguiram ao atropelamento e ele, novamente, havia desaparecido no almoço. Por mais que a frequência dele no restaurante houvesse mudado de forma brusca, ainda assim, a enfermeira contava com um contato, um pequeno sinal de que ela não estava enganada, nem seu coração.



Um doce tipicamente infantil, salpicado com pequenos pontos marrons deliciosamente comestíveis, pousou bem diante de Matheus. Diferente das outras vezes, ele elevou os olhos até deparar-se com o sorriso sedutor de Carolina. Mesmo que ela fosse totalmente alheia a esse fato, aquela bendita pinta o fascinava.

Sem cerimônia e com as costas eretas, como se precisasse de segurança para tomar a iniciativa, a garçonete sentou-se na frente dele. Por mais que ela aparentasse uma postura tranquila, até mesmo despojada, ele conseguia enxergar os pequenos detalhes. Os olhos agitados buscando a aprovação dele, as mãos agarradas ao avental negro, as bochechas coradas e a hesitação quase imperceptível quando puxou a cadeira para ocupar o lugar que sempre teve vontade de adotar.

— A sobremesa hoje é por conta da casa — se ele pudesse ouvir, perceberia sua voz tremular.

Matheus afastou o prato, indicando o término da refeição. Fechou o livro e retirou os fones de ouvidos. Já não fazia mais efeito para Carolina. Olhou ao redor, antes de pegar o seu telefone.

*Parece que sou um cliente preferencial. Não vejo brigadeiro nas outras mesas.* Ele lhe entregou o celular. Carolina sorriu e se pudesse ver o seu

rosto, ficaria ainda mais envergonhada.

Matheus estava certo. Ela trouxera o brigadeiro exclusivamente para ele. Mesmo que nos dias anteriores, fora obrigada a doá-los para Marina quando o seu cliente não tão misterioso assim, não apareceu.

— Vamos dizer que é uma forma de eu me redimir pelo acidente — Matheus sorriu exibindo os dentes brancos quase perfeitos. — Você está bem?

Carolina pensou em outras indagações que gostaria de fazer. Por que demorou para aparecer? Por que não me mandou mensagem? Ainda vai me ensinar os sinais? Contudo, preferiu o básico. Expor sua ansiedade talvez não a ajudasse em nada.

*Estou bem. Sem dores. E vamos dizer que o atropelamento serviu também como uma forma de me deixar mais atento. Preciso sempre olhar a minha volta, prestar atenção aos sinais. Faz parte.* Ele deu de ombros e lhe entregou o aparelho.

A garçonete leu as palavras buscando pela compreensão implícita. Matheus vivia num mundo completamente diferente do dela, aonde, de certa forma, os ouvintes possuíam uma boa dose de participação nas suas decisões. Outra vez, se imaginou no lugar dele, por mais que tentasse não conseguiu dimensionar como seria viver no completo silêncio.

Matheus a encarava, enquanto Carolina olhava a tela do aparelho. Notou no semblante dela as mudanças de forma cristalina. O sorriso perdendo força em seus lábios, a respiração profunda, a mão sobre a mesa falhando na postura... detalhes que indicavam somente um sentimento: compaixão. Talvez esse fosse o verdadeiro *xis* da questão. O motivo principal para ele ter evitado o restaurante nos últimos dias. Ser tratado com condescendência ou piedade, o deixava transtornado. Ele não era diferente de ninguém. Tinha os mesmos direitos e deveres; desejos e sonhos; saúde e doença; sabedoria e ignorância. Contudo, as pessoas teimavam em tratá-lo como um espécime a ser analisado, como se sua surdez pudesse ser dissecada até não restar nada além da compaixão.

Antes de conhecer Carolina, ele voltaria para a música inexistente, o livro; ignorando, assim, os ouvintes. Contudo, aquela moça simpática, falante

e sorridente havia alcançado um ponto dentro de Matheus que o deixava enfraquecido. Talvez fosse a pinta; os olhos castanhos; o cabelo preso; a baixa estatura; ou a sua voz. Ele não podia ouvi-la, mas imaginava um som tão doce quanto o brigadeiro que levou a boca.

Matheus pegou com delicadeza o telefone da mão dela. Os dedos se tocaram, somente o suficiente para que o corpo de ambos despertasse para o momento. Carolina olhou ao redor evitando os matizes incompressíveis dele. Verde. Azul. Cinza? Ela não conseguia distinguir a cor exata, mas, assim como o restante do conjunto da obra, a divergência combinava com ele.

Carolina procurou por Marina, enquanto Matheus digitava algo no aparelho, percebendo que o almoço já estava quase no fim. Sua chefe lhe deu um sorriso nada discreto e fez uma mímica que deixava bem claro sua intenção. “Depois quero um relatório completo”.

Mais uma vez, o toque dos dedos de Matheus em seu braço nu, a pegou desprevenida. Ele sorriu diante do pequeno susto exibindo as covinhas quase ocultas pela barba. Carolina se imaginou tocando aqueles dois pontos tão chamativos e precisou chacoalhar a cabeça afastando o desejo inesperado. Uma mentira, claro. Afinal, não havia nada de inesperado na sua vontade. Fora assim desde o início.

Um pouco desconcertada, leu as palavras escritas.

*Ainda quer aprender os sinais?*

O sorriso sincero dela brilhou pelo restaurante ofuscando as pessoas à volta. Se ele não tivesse tomado a decisão bem antes desse gesto, com certeza, suas teorias absurdas caíram por terra. Carolina desejava entrar em seu mundo, mesmo que Matheus odiasse essa divisão.

A garçonete respondeu um sim, repleta de ansiedade. Eles passariam mais tempo juntos, se pudesse falar, seriam essas as palavras que seu coração balbuciava dentro do peito. Não, ela quase gritou. Independente de tê-lo por perto, Carolina deseja aprender. O coração poderia esperar.

*Então. Aqui vai sua primeira lição.* Ele levou o telefone na direção dos olhos dela, para depois colocá-lo sobre a mesa. Carolina empertigou o corpo, preparada para absorver o conhecimento. Matheus ergueu o braço direito e

digitalizou as palavras com os dedos. Uma sentença completa, feita com agilidade que, infelizmente, a garçonete não entendeu. E ele, por sua vez, ainda não estava pronto para traduzir. “Quero deslizar meus lábios pela sua pinta”.





— TEM AULA PRÁTICA hoje? — Marina perguntou, enquanto conferia o acervo de bebidas. O restaurante estava na pausa entre o almoço e o jantar, trazendo a calma necessária para organizar a parte administrativa.

— Como assim? — Carolina franziu as sobrancelhas e virou-se para a chefe que naquele dia usava os cabelos presos num rabo de cavalo igual a funcionária. Mesmo sendo proprietária do local, Marina vestia o avental negro com o logotipo do restaurante.

— Algo como ele te ensinando os gestos mais obscenos ou até mesmo unindo a teoria à prática. Já aprendeu como dizer a ele: quero te beijar a noite toda? — Marina sorriu maliciosa para Carolina e lhe entregou a relação de pedidos a serem feitos. A enfermeira tentou esconder o rosto em chamas, justamente por já ter pesquisado na internet uma frase muito parecida com aquela.

— Ah! Não. Infelizmente — murmurou a última palavra e saíram juntas do espaço designado ao estoque, caminharam em direção à cozinha. Hora de verificar os alimentos armazenados. — Matheus tem sido um perfeito cavalheiro e, sinceramente, não tenho como saber se existe algo rolando entre nós. Fica muito difícil compreender o que ele deseja ou *se* deseja...

— Agora eu estou perdida — Carolina ajudou a amiga a olhar todos os potes fechados no refrigerador conferindo as etiquetas datadas. Trabalhavam

lado a lado, em frente a geladeira, buscavam por falhas que pudessem prejudicar o restaurante.

— Quando alguém flerta comigo, consigo identificar a ação através da entonação da voz, dos comentários e brincadeiras exageradas, no toque... agora... — ela esqueceu as obrigações e se afastou da chefe. Apoiou-se na bancada próxima, ergueu as mãos num gesto de puro inconformismo. — Já com o Matheus... o silêncio...

— Talvez você esteja olhando de maneira errada, Carol, ao comparar o Matheus a um estereótipo, talvez, ultrapassado. Vamos combinar que têm muitos caras por aí que deveriam manter a boca fechada — Marina fechou a geladeira dando total atenção à amiga. Conhecia Carolina desde pequena, principalmente os pontos negativos.

— Nem fala... — A enfermeira se lembrou da cantada de mal gosto que ouvira naquela manhã dentro do ônibus, algo relacionado ao decote da sua blusa.

— Nós não precisamos ouvir nada para enxergar o desejo da pessoa. Você mesma me disse que precisa unir os gestos, a postura e a expressão facial para falar Libras corretamente. Certo?! — Carol concordou com a cabeça. — Então, eu acho que você não está prestando atenção aos sinais.

— Será? O Matheus é sempre tão... tão... — balançou as mãos procurando um gesto que chegasse perto das suas palavras, mania que se iniciara com as aulas de Libras. — centrado quando está me ensinando. No começo, ele parecia mais descontraído, mas agora me dá a impressão de que essas aulas estão sendo um estorvo para ele.

Carolina reviveu mentalmente os últimos dias. Matheus aparecia sempre no final do expediente dela, sentava-se na mesa mais afastada que encontrasse e durante uma hora, ensinava os princípios básicos de Libras. No início, o recurso de escrever o texto fora o principal aliado da enfermeira, uma vez que facilitava a vida de ambos. Como forma também de ajudar o professor, ela começou por conta própria algumas pesquisas na internet.

Entretanto, com o passar das aulas ela notara o desconforto de Matheus. Sua paciência já não era mais a mesma e até mesmo as feições pareciam

sempre carrancudas. Em um determinado momento, Carolina chegou a questioná-lo sobre sua vontade.

— Esse gostar que você fez, não parece ser verdadeiro — eles estavam sentados frente a frente como de costume. Naquele dia, a aula era sobre sentimentos. Os olhos de Carolina brilhavam durante aqueles encontros, uma característica que Matheus havia percebido com bastante intensidade.

— Por que? — ele fez o sinal, uma vez que Carolina já o havia aprendido.

— Sua mão não combinou com o rosto. O seu gesto era de *eu gosto*, mas a sua expressão parecia negar as mãos — Um apontamento correto que Matheus fora obrigado a se redimir. Afinal, ela não tinha culpa se ele andava confuso com aquela aproximação. Matheus a queria, a deseja com bastante volúpia, assim como almejava desesperadamente ouvir o seu nome saído dos lábios dela.

O chiado da panela de pressão a trouxe de volta ao presente. A cozinheira iniciara o preparo da refeição que seria servida naquela noite. Elas deixaram a funcionária trabalhar sossegada e se dirigiram para o caixa. Marina continuou com o conselho, ou melhor, sermão.

— Talvez uma mudança de cenário te ajude a perceber os detalhes ou *se* realmente existe algo mais acontecendo. Vocês só ficam aqui dentro, sentados lá no canto por quase uma hora repetindo os gestos sem parar. Por que não aprendem na prática? Leve-o para outro lugar com o intuito de expandir o conhecimento.

A ideia de Marina era fantástica. Não exclusiva, claro. Carolina já havia pensando em levá-lo para outro local. Cogitou, na verdade, inúmeras desculpas para sugerir a saída deles do restaurante. Contudo, a justificativa não tinha qualquer relação com o aprendizado e sim com a sua vontade em conhecê-lo melhor. Mas agora, ante a sugestão tão sagaz da chefe, parecia o motivo perfeito.

— Já falei que te amo?! — Carolina deu um beijo estalado na bochecha da amiga. Marina revirou os olhos diante do comentário bajulador.

— Hoje não — elas sorriram, e Marina apontou com a cabeça na direção da porta. Matheus havia acabado de chegar e andava na direção delas. — Agora

saia daqui e vá pedir para ele te ensinar a frase, *eu quero te ver nu!*

Carolina repreendeu a amiga pelas palavras sugestivas. Uma troca rápida de brincadeiras aconteceu entre elas, até perceberem que Matheus não tinha condição de escutá-las. Uma conclusão óbvia, claro. Mas nada o impediu de ler os lábios de Marina.



MATHEUS NÃO ERA um covarde. Poderia fugir de algumas situações de risco, não por medo, claro, mas como uma forma de proteger o corpo, a mente e, principalmente, o coração. No entanto, esquivar-se da sugestão de Carolina ou ignorar a mão dela erguida em sua direção traria uma gama de arrependimentos que ele não estava disposto a elucidar quando tivesse na segurança do seu apartamento. Por essa razão, além da sua vontade hercúlea em passar mais tempo com ela sem envolver somente as aulas, aceitou os dedos macios agarrados à sua mão e saíram do restaurante.

A enfermeira não sabia muito bem para onde levá-lo. Na verdade, quando seguiu a ideia de Marina, ela não elaborara nenhum plano de contingência, uma vez que não o imaginava aceitando o convite. Sem deixar transparecer a insegurança do ato, muito menos questioná-lo por um lugar de sua preferência, decidiu, então, caminhar pelas ruas próximas até que uma ideia brilhante surgisse.

As mãos se mantiveram unidas, pelo máximo de tempo possível. Entretanto, a comunicação entre eles necessitava de um pequeno afastamento, situação essa que ambos não aceitaram de imediato. O toque parecia reconfortante, necessário e urgente.

Eles se sentaram em um banco na pracinha encontrada pelo caminho. Um local nada romântico, que dirá sedutor para os anseios de Carolina. No

entanto, Matheus parecia alheio aos pormenores: a necessidade de uma boa poda nas árvores, latas de cerveja e refrigerante espalhadas no chão sujo e as bitucas de cigarros... seus olhos estavam voltados para a enfermeira. Sempre.

— Me fale sobre a sua família — Matheus pediu através de alguns gestos

— Hum. Nem sei por onde começar. Você me falou que preciso ser sucinta ao conversar com um surdo. Certo?! — ele meneou a cabeça em concordância. — E descrevê-los com objetividade, com gestos...

Ele pegou o celular no bolso da calça e iniciou uma explicação.

*Conversar com surdos, não é somente uma junção de gestos. Os ouvintes aprendem a ser específicos em tudo. Sem subterfúgios para revelar a verdade, sem divagações.* Carolina sorriu diante as palavras escritas. Ela adorava divagar. *Somos sempre sinceros, não usamos metáforas, muitos na verdade nem as entendem. Nossos olhos são as bocas, ouvidos e razão. Por isso, gostamos e precisamos da objetividade. No entanto, como consigo ler lábios, você pode relaxar e dizer da sua maneira como é a sua família. Só tente unir o relato com os gestos e mímicas. Ok?!*

Carolina lembrou-se do show que assistira no hospital, e na maneira como os mágicos deixavam explícitas as piadas, as brincadeiras através das mímicas. Sem qualquer palavra, sem mesmo o som de uma risada.

Bloqueou a vergonha quando olhares curiosos foram direcionados a eles. Matheus gesticulava um “calma”, “você consegue”, “está pronta?”, parecendo alheio às pessoas ao redor. Eles nunca haviam conversado fora do restaurante. Independentemente da sua necessidade em papear, conhecer pessoas, a enfermeira mantinha um lado seu bem oculto: ser o centro das atenções. Carolina o admirou pela concentração e buscou dentro daqueles matizes indecifráveis a coragem de que necessitava.

Durante um bom tempo, eles mantiveram uma conversa confusa, pausada e explicativa. A enfermeira falava sobre toda a sua família, por partes e procurando sempre ser a mais específica possível. Descreveu os irmãos, os pais, as profissões, a casa agitada... e até mesmo o desejo desde menina de ser enfermeira.

Matheus procurou ensiná-la a cada frase pronunciada. Demonstrou os

sinais pertinentes às palavras, assim como a elaboração da sentença da forma como os surdos entenderiam o relato dela.

*Resumindo: barulhenta, alegre, falante, unida e amorosa.* Ele escreveu e depois gesticulou.

— Sim. Perfeito — Carolina ficou encantada com a maneira como Matheus colocou em seis gestos a resolução completa de seus familiares.

A enfermeira lhe presenteou com o melhor sorriso, até aquele momento, e Matheus precisou afastar o desejo quase insuportável de beijá-la; começaria com a língua deslizando pela pinta tão instigante até exigir que suas bocas se unissem e misturassem seus sabores.

Ele chacoalhou a cabeça, desesperado para limpar a mente daquelas imagens pulsantes. Carolina abaixou as mãos, tentando discernir o que havia feito de errado. Tudo, ela pensou. Talvez tenha agido como uma idiota durante a última hora e não aprendido absolutamente nada.

— Podemos deixar para outro dia, Matheus — ela tocou no braço dele para chamar sua atenção. — Já está tarde e não quero te atrapalhar.

Matheus encarou os lábios dela, e se concentrou em lê-los. Carolina precisava aprender mais rápido os gestos, caso contrário seria impossível continuar com aquele jogo de sedução absurdo. Voltou seu rosto para os olhos castanhos e notou a vergonha atrapalhando aquela face generosa e humilde. Culpou-se por ser um idiota e responsável pela confusão da enfermeira.

Olhou ao redor e as horas. A noite iniciara sua chegada, assim como a pouca luminosidade do local. Virou o rosto da direção dela, percebendo que Carolina aguardava a próxima instrução. Matheus tinha duas alternativas, concluiu. Acompanhá-la até o restaurante e se despedir com um boa noite, utilizando as duas mãos. Ou, usando a objetividade dos surdos, lhe dar um comando.

*Venha. Quero te mostrar o meu lugar preferido.*



— Uma pista de patinação!? — as palavras se misturavam com o semblante curioso.

Carolina deixou claro sua surpresa, ao se posicionar bem na frente de Matheus. Ele ergueu os ombros, fingindo indiferença, ao passo que por dentro, se orgulhava de ter tomado aquela decisão.

A enfermeira virou o rosto em todas as direções registrando o local bem colorido, cheio e barulhento. A pista retangular de piso encerado estava separada das mesas por um muro baixo e acolchoado, que servia muito bem ao seu propósito: um apoio indispensável aos principiantes. No centro, um grande globo brilhante dispersava pontos luminosos nas paredes escuras. Mais ao fundo, para os covardes, bilhar e pebolim disputavam espaço repleto de pessoas. Adolescentes, crianças e adultos se misturavam numa sincronia perfeita. No ar, o aroma de batata frita pleiteava sua soberania quase absoluta. Salvo o toque bem sutil de umidade no salão.

Carolina procurou por Matheus e o encontrou buscando os patins para ambos. Ela não era uma leiga no assunto, tão pouco expert. Seu lado artístico, vamos dizer, encontrava-se relegado aos prazeres da infância. Contudo, ao enxergar a miscigenação de saberes que a rodeava, ficou claro que sua falta de tato nem seria questionada.

Matheus a levou para um banco próximo e entregou os equipamentos de proteção. Ela ainda o encarava com incredulidade. Nem de longe, conseguiria ligar àquele homem sentado ao seu lado à agitação da proposta da diversão. Talvez fosse um preconceito infantil de sua parte, afinal, ele era uma pessoa como outra qualquer. Contudo, o som exigente que vinha dos alto-falantes a levava direto a um estereótipo.

— O que foi? — ele gesticulou com a mão direita.

— Não consigo te ver aqui. Esse lugar é tão... — ela não prestou atenção, mas suas palavras saíram acompanhadas de gestos quase perfeitos. Matheus exibiu as covinhas pela constatação.

— Barulhento?

— Sim — Carolina concordou com a cabeça.

— Talvez essa seja a razão. Ou talvez eu só venha aqui pela diversão — ele



não tinha certeza se a enfermeira entendera sua resposta. E, por medo, decidiu abaixar o rosto prestando atenção nos patins que calçava.

Havia muito mais a ser dito. Uma verdade bem enraizada no coração de Matheus. Naquele lugar, ele se sentia igual aos demais. Patinar, sentir a alegria do movimento e o vento tranquilo no rosto. Encarar as pessoas, sorrir e não precisar dizer ou ouvir nada, somente interpretar as emoções. No entanto, aquela era uma parte de seus pensamentos que não valia a pena saírem de seus lábios. Carolina, com certeza, esbanjaria compaixão.

Ela compreendeu a maior parte da sentença. E, no fundo, não precisaria ser uma expert nos sinais, Matheus deixara à mostra as emoções em seu rosto. Nem mesmo o sorriso forçado, escondiam algumas verdades. Se procurasse um pouco mais, Carolina, talvez encontrasse o verdadeiro homem por trás daquela máscara pragmática. Contudo, era hora de inverter os ajustes. Prazer antes dos negócios.



CAROLINA PODERIA CULPAR a embriaguez, caso houvesse ingerido bebida alcoólica. Poderia culpar sua ingenuidade, caso fosse uma mulher ignorante... poderia, se quisesse, vasculhar a mente em busca de uma explicação lógica para ter aceitado o convite de Matheus para conhecer o apartamento dele, depois de saírem da patinação.

No entanto, a verdade nua e crua era a mais lógica possível. Sem barreiras ou pré-conceitos. Sabia exatamente o que poderia acontecer, naquela noite. E, de certa forma, aguardava o contato iminente. Era uma mulher adulta que desejava Matheus, como professor, como amigo e como amante. Seu corpo gritava pelo dele, um chamado tão intenso que lhe trazia dores no peito. Um zumbido constante nos ouvidos delicados.

Eles passaram algumas horas deslizando pelo chão liso com os patins negros. De mãos dadas, afinal, Carolina não era ingênua e usou seu parco conhecimento a seu favor, nada precisou ser dito, nenhum gesto exigido. A música ainda flutuava entre eles, assim como os demais participantes. Sorridentes e, ao mesmo tempo concentrados nos movimentos, a felicidade os preencheu por completo.

Carolina esbanjava alegria, com a sua gargalhada esfuziante, todas às vezes que Matheus a socorria numa possível queda. E, nesses momentos, a ânsia em escutá-la lhe roubava o fôlego. Ele não ligava para os sons ao redor,

as brincadeiras, as palavras perdidas na pista, mas sim com os lábios de Carolina. Qual seria o som daquela voz? Ela seria forte o suficiente para romper a barreira da sua surdez?

Preso às questões mal resolvidas em sua mente, o convite para ir até sua casa fora soletrado no ar com certa urgência. Ele encarou os olhos confusos de Carolina e, por um ínfimo momento, se arrependeu do gesto. Contudo, quando ela balançou a cabeça coberta pelo capacete rosa, toda a insegurança fora esquecida.

Por essa razão, ou melhor, por sua única escolha ela se encontrava parada no centro da sala de Matheus. Um apartamento pequeno, mobilhado com móveis simples e objetivos, assim como o dono. As paredes lisas de adornos, combinava com o sofá negro e livre de almofadas ou mantas. A grande televisão de tela plana, parecia a divergência mais exuberante do local. Nem mesmo a mesa de vidro com cadeiras em madeira escura, aplacava o pragmático do ambiente.

Matheus regressou da cozinha com o copo d'água em mãos, o entregou para Carolina, sentindo-se um adolescente com o rosto cheio de espinhas. A enfermeira não era a sua primeira mulher, nem mesmo parada naquela sala. Contudo, de uma forma ainda irreconhecível, parecia ser a última.

— Está com fome? — sinalizou.

— Não. Comi batatas fritas suficientes para um bom tempo — ela sorriu. Matheus se concentrou na pinta. Carolina, por sua vez, nas covinhas dele. A barba feita naquela manhã facilitava o charme que, desde o início, a encantou.

Contudo, sendo sincera, não era somente por aquela característica que Carolina estava atraída. Era o conjunto, o homem parado à sua frente trajando uma camisa jeans, calças de sarja negras e os cabelos bagunçados pelo dia.

O conselho de Marina regressou a mente. Ela estava enxergando Matheus com os olhos turvos, preconceituosos, uma vez que ele a encarava com o desejo nítido em suas pupilas. Os dias anteriores, as inseguranças perante ao flerte unilateral, pareciam perdidos para a indicação do corpo dele, do imã que os unia. Por essa razão, fora impossível não dar um passo na direção

dele.

Carolina colocou o copo num móvel qualquer próximo e decidiu ser objetiva. Talvez fosse a hora de usar o que aprendera até agora. Levantou as mãos no ar, cerrou os lábios e soletrou duas palavras simples e diretas torcendo para estar certa.

— Me beije.

A hesitação de Matheus durou apenas o instante de um piscar de olhos. Não por medo ou falta de entendimento, mas sim pelas suas próprias necessidades. Uma fúria que beirava à dor. Um desejo, que queimava em suas veias, até então adormecido. Se pudesse falar com coerência, com certeza, as palavras seriam desconexas. Se precisasse gesticular, provavelmente, se perderia nos sinais.

Da mesma forma que deslizaram na pista, ele se aproximou de Carolina. Impôs o corpo, as mãos, o coração bem na frente dela. Focalizou cada canto bem delineado daquele rosto, como se a enxergasse pela primeira vez. Notou o bater constante da pulsação dela, sob suas mãos, quando tocou o pescoço longo e convidativo.

A respiração de Carolina saía aos pedaços como se Matheus lhe roubasse todo o ar. Ela levou as mãos até o rosto barbeado, tocando com a delicadeza de sua alma aquelas convinhas impertinentes. Os olhos de ambos buscavam por discernimentos quase inexistentes. Não parecia somente uma atração qualquer entre um homem e uma mulher, talvez houvesse muito mais implícito nos toques sutis e, ao mesmo tempo, desenfreados.

Matheus concluiu o seu primeiro e mais profundo desejo, aproximou-se dela até encostar a ponta da sua língua na pinta que parecia ter sido feita para ele. Só para ele. Sentiu o resfolegar de Carolina bem na sua face e desejou ouvir o seu gemido. No impulso incontrolável, buscou dentro da boca dela as respostas que tanto o angustiavam. Ele seria o suficiente para Carolina? Talvez essa fosse a questão que o impedia de ser feliz. Contudo, estar tão próximo dela, inebriar-se pelo seu sabor, o aroma do seu shampoo e o calor que emanava de seu corpo afastava as inseguranças. Haveria tempo depois para organizar as ideias ou a vida.

A enfermeira cerrou os olhos permitindo uma troca dos sentidos. Matheus não poderia escutá-la e, ela por sua vez, preferiu não o ver. Talvez não houvesse qualquer lógica naquele raciocínio, entretanto, da mesma forma que ele absorvia os pequenos detalhes dela fingindo não ter importância não a ouvir, Carolina decidiu por explorar um outro lado.

Usou as mãos, o corpo, a boca e o desejo para demonstrar o quanto estar ali fazia todo o sentido. Desde o início, ela sempre teve a certeza de que chamar atenção do homem que, naquele momento, interrompia o melhor beijo de sua vida para lhe tirar a blusa, parecia o correto para o seu futuro.

Diferente do que Carolina imaginava, Matheus deslizou os dedos pelos seios dela acariciando a pele lisa e sedosa. Olhou para os lábios da enfermeira, sedentos por mais beijos e quase concluiu o intento. Contudo, as pálpebras cerradas de Carolina o impediram. Ele precisava enxergar o resultado daquela conquista no castanho perfeito.

Por essa razão, forçou somente uma palavra pelos lábios, torcendo para que a voz saísse num tom tranquilo. Ele não costumava se expor daquela maneira, no entanto, ela valia a pena.

— Ca...rol...

A enfermeira arregalou os olhos num rompante. O som alto e confuso, encheu lhe os ouvidos. Ela o encarava perplexa diante do acontecimento. Não era a primeira vez que ouvira a voz de Matheus. No dia do acidente, ela teve um breve vislumbre do som potente e reconfortante. Contudo, o seu nome vindo daqueles lábios....

Matheus sorriu quando percebeu o resultado do gesto. Imaginou os pensamentos, mas conseguiu somente se atentar a reação do corpo dela. A pulsação ainda agitada, as mãos firmes envoltas no seu pescoço, os lábios separados por um suspiro e as lágrimas formando-se no canto dos olhos.

Um amontoado de detalhes que, enfim, o levaram a loucura completa. Matheus pegou para si, toda e qualquer entrega que Carolina lhe dava. E, quando a levou para sua cama, exigiu do corpo dela os gemidos que nunca poderia ouvir.



*“EU QUERIA OUVIR a sua voz, a princesa perdida, disse. O moço dos olhos brilhantes que se escondia nas sombras e adorava escrever cartas para ela, fez um bilhete mágico surgir nas mãos da menina de cabelos trançados...”*

Carolina parou a contação de história para dar ênfase à página seguinte. As crianças empertigaram o corpo na direção da enfermeira. Ler um conto de fadas, quando estava designada para ala infantil, fazia parte de uma iniciativa que ela tomou. Olhos curiosos e inocentes sedentos por carinho e atenção tratavam o gesto como um bálsamo para os pesares. Ela encarou os rostos miúdos, alguns escondidos por máscaras brancas, outros livres dessa imposição e com o sorriso prestes a tomar a face completa. A enfermeira respirou fundo instigando a imaginação dos pacientes antes de continuar.

“Coloque a sua mão no espelho, feche os olhos e imagine que no final do arco-íris eu estarei cantando a sua música preferida. Se você conseguir me ouvir, então...”

Antes que pudesse despontar o grande desfecho, a porta da enfermaria fora aberta num rompante revelando o horário do almoço. A excitação suspensa no ar, enquanto encaravam a funcionária colocando a bandeja nos suportes perto das camas. A enfermeira chefe entrou logo em seguida somente para cimentar o término da leitura.

— Bom, crianças, sinto muito, mas preciso parar por aqui... — o coro exigente saiu com diferentes entonações, contudo, com o mesmo propósito: trocariam uma refeição para descobrir se a princesa encontraria o seu final feliz. — Continuamos amanhã no mesmo horário.

— Por favor, tia-enfermeira... — disse uma menininha na cama ao lado de Carolina, ofereceu o olhar mais doce que encontrou. O lábio inferior levemente tremido, quase a fez derreter por completo. No entanto, ela estava ali há alguns dias e conhecia as artimanhas de todas as crianças presentes.

— Sinto muito, Vivi — a criança fechou o rosto numa carranca. — Na próxima vez, tente chorar um pouquinho. — Sorriu em seguida, após dar uma piscadela.

Carolina deixou para trás os gemidos e a leveza do ambiente — mesmo para um hospital — desejando o término do expediente. Faltava muito pouco, na verdade, somente alguns minutos. E, infelizmente, não era o suficiente para uma visita ao senhor Tadeu.

Ela não o havia negligenciado por estar em outro andar, muito pelo contrário. Passava pelo quarto dele sempre que possível e se inteirava da sua condição física. Ensinar Libras como havia combinado, fora feito somente nos primeiros dias. Tanto pela sua transferência, como pela debilidade da saúde dele. O câncer parecia determinado a vencer os remédios. Contudo, Carolina nunca desistiria de nenhum paciente, principalmente dele. Era errado essa aproximação, mas essa era a Carolina.

Lógico que a pressa não tinha qualquer relação com servir mesas no “Bastille”. E, mesmo que quisesse, Carol não conseguia fingir que o trabalho era o principal motivo para sair do hospital. O seu envolvimento com Matheus era algo grandioso demais para ser tratado com indiferença.

Pensar no namorado — sim, ela havia intitulado o romance deles, mesmo que o homem da relação nunca houvesse mencionado nada — deixava suas bochechas coradas e o corpo em chamas.

Ela levou o dedo até a tão fadada pinta, um costume adquirido após a chegada de Matheus. Nunca enxergou nada além de uma marca quase insignificante de nascença, porém, como o namorado parecia hipnotizado, ou

melhor, quase alucinado por ela, a enfermeira agradeceu aos bons Deuses da sedução por aquele capricho.

Desde a primeira noite juntos, algo havia mudado entre eles. Poderia ser consequência das intimidades trocadas, contudo, Carolina custava a acreditar que o envolvimento pudesse ser somente resquícios do sexo que tiveram.

Matheus ainda passava no restaurante sempre que o serviço permitia, ou levava Carolina para outros locais. Parques, cinemas, shoppings... tudo com o princípio básico de ensiná-la na prática de como conversar com surdos. As aulas começavam dentro do propósito, no entanto, terminava da mesma maneira: aos beijos e carícias.

*Fica difícil eu te ensinar alguma coisa se minhas mãos estão sempre ocupadas com o seu corpo.* Ele digitou no celular e entregou à Carolina. Estava exausto pela rodada de sexo e, sinceramente, sem paciência para se fazer entender através dos sinais.

— Não estou reclamando — Carolina sorriu para Matheus. Percebeu os olhos enevoados dele quase se fechando. Aconchegou-se mais um pouco no corpo quente e receptivo inalando o aroma amadeirado. Deslizou a mão pelos cabelos remexidos, até chegar na barba cheia.

Ele respirou profundamente, na tentativa de se manter acordado. Contudo, passara os dois últimos dias trabalhando exaustivamente e o conforto de sua cama, assim como a mulher saciada ao seu lado era o convite perfeito para um descanso merecido.

Carolina deleitou-se com visão dele adormecendo aos poucos, sentiu o coração transbordar de amor. Encarou a face tranquila, as pálpebras cerradas para o mundo, os lábios entreabertos, as covinhas escondidas, os ouvidos abandonados...

A surdez dele não era e, naquele momento, Carolina percebeu que nunca seria um empecilho para a união deles. Eles se completavam, concluiu. Ela escutaria por ele, para ele, ao passo que Matheus falaria por ela e para ela.

— Ainda é cedo, eu sei, mas o amor não segue nenhum cronograma. Você não pode me ouvir, agora, porém, amanhã, terei o prazer em repetir. Com gestos, palavras escritas, faladas ou soletradas no ar, tanto faz. A minha



mensagem será sempre a mesma: eu amo você — Carolina tocou os lábios dele bem de leve, quase com um roçar, um suspiro e aproveitou o silêncio para agradecer à vida.

Quando chegou no restaurante, Carolina ainda tinha as lembranças daquelas palavras acariciando sua mente. Ela não conseguiu repetir ao Matheus o que havia proposto, contudo, a certeza daquele amor lhe parecia o suficiente enquanto aguardava uma próxima oportunidade perfeita.

— Pretende trabalhar hoje ou ficará sonhado acordada até o príncipe encantado chegar? — Marina colocou uma bandeja vazia em cima do balcão, ao lado de Carolina. A enfermeira aguardava suspirando o preparo do suco pedido pelo cliente.

— Não sei. Talvez eu faça a minha pausa do café mais cedo — ela se virou para amiga erguendo uma de suas sobrancelhas. Os cabelos trançados, assim como a princesa da história, a deixava com um ar mais jovial. — Quem sabe eu não resolva ter uma dor nas costas e precise ficar sentada lá nos fundos descansando.

— Hum. Você sabe que sou sua chefe, certo? — Marina esbanjou uma seriedade forçada. — E posso te demitir a qualquer hora, né?!

— Isso não irá acontecer, Marina, você me ama demais para fazer essa atrocidade — Carolina piscou para amiga sentindo-se feliz. Uma alegria que contagiava todos ao redor. Por esse motivo, Marina ignorou a réplica, ainda mais por ser uma verdade.

— Como andam as aulas, principalmente, as práticas? — a chefe encheu a bochecha direta de ar e a fez tremer, da maneira como sua funcionária ensinara. Carolina gargalhou chamando atenção dos demais. Era um sinal estranho, até mesmo ridículo, mas o significado nem tanto: sexo.

— Vamos dizer que sou uma aluna exemplar. Já até aprendi a frase quero te ver nu — ambas sorriram, principalmente Carolina ao se lembrar do dia que Matheus comentou sobre o pedido de Marina. — Está tudo perfeito, Ma. Às vezes parece que estou sonhando, que posso acordar a qualquer momento e descobrir que tudo não passou de um romance clichê. Tenho até um pouco de medo. E se for um relacionamento somente unilateral?

— Pare de pensar besteiras, Carol. Todo mundo sabe, ou deveria saber, que estar apaixonada traz os melhores e piores sentimentos. Amor, inseguranças, desejos, ciúmes.... Você só precisa encontrar um jeito de equilibrar as emoções.

— Eu sei, mas não é fácil. Como você mesma disse, a insegurança faz parte do ajuste — Carolina pegou o copo de suco e o colocou sobre a bandeja. Marina acrescentou os saches de açúcar, adoçante e o canudo. — Matheus não fala nada sobre o nosso namoro, mas, mesmo assim, consigo enxergar nele o quanto estar comigo o deixa feliz e satisfeito.

— O amor precisa mais do que felicidade e satisfação, Carol. Ele necessita de comprometimento, entrega, paixão, luxúria... — ela tocou com delicadeza no braço da amiga. Já poderia prever alguns acontecimentos, mesmo sem desejar. A enfermeira estava perdidamente apaixonada e sonhava com a reciprocidade. — Talvez você esteja indo com muita pressa. Que tal aproveitar o hoje? Caminhe com calma, dando um passo por vez. Você já conseguiu o cara, agora aproveite um pouco essa fase de euforia, até chegar na parte séria da coisa.

Carolina encarou os olhos preocupados da chefe sentindo-se perdida. Ela já havia amado outras vezes, mas não com aquela intensidade. Algo profundo demais para ser analisado. Um desespero irritante. Por essa razão, o raciocínio andava sobrepujado pelo coração. Marina estava certa, ela necessitava equilibrar os sentimentos ou acabaria por sucumbir à insegurança completa.

— Como sempre, você me dá os melhores conselhos. Vou me esforçar mais — deu um beijo estalado na bochecha de Marina e saiu para cumprir suas tarefas.

Entretanto, as palavras de Marina arranharam somente a superfície borbulhante da enfermeira. Sem qualquer outro motivo, além do amor desenfreado que sentia por Matheus, ela percebeu que tinha urgência. Uma ânsia que a levou a convidá-lo para conhecer a sua família. Um almoço de domingo com a casa cheia.



MATHEUS ESTAVA CANSADO, confuso e, quase, arrependido. Aceitar o convite para almoçar na casa da família de Carolina parecia um gesto simples, corriqueiro. Pelo menos, no momento do pedido era essa a ideia que ele nutria em seu coração. Qual o problema em partilhar uma refeição com pessoas alegres e receptivas? Para muitos, nenhum. Contudo, para ele, acabara sendo um tormento.

Ele não queria ser ingrato ou idiota com relação à situação, porém, depois de pensar com mais clareza percebeu o erro ao reconhecer os sinais. A família o olhava com um misto de expectativa e curiosidade. Matheus não podia ouvi-los, mas pegou algumas palavras perdidas entre uma garfada e outra.

Essa mescla de sinais o incomodava mais do que gostaria de admitir. Havia a bendita compaixão pairando sobre a mesa bem colocada, até mesmo um toque de tristeza temperando a macarronada à bolonhesa. Matheus odiava se ver como uma pessoa diferente. Uma pessoa propensa a ser analisada. Por essa razão, mantinha-se afastado dos ouvintes. Responder perguntas idiotas era um saco.

Em contrapartida, o que mais parecia lhe incomodar era a ansiedade marcando cada rosto naquela mesa grande, cheia e falante. Olhos castanhos iguais aos da Carolina, alguns no tom verde escuro, procuravam pelo motivo

da enfermeira estar *ligada* a um surdo. De forma muito sutil, a pergunta que os alimentava era somente uma: o que ela havia enxergado nele? Bom, pelo menos, essa era a suposição dele.

Matheus percebeu que a família fora muito bem *treinada* pela filha, uma vez que ao falarem com ele sempre se mantinham de frente e discorriam pausadamente. Quando Carolina não estava por perto, utilizava o recurso do celular. Ou eles esperavam seus gestos serem traduzidos pela enfermeira.

Notar que ela estava cada vez mais fluente em Libras, deixou que o orgulho enchesse sua mente. Não era hora e nem lugar para se lamentar, ou questionar o seu relacionamento com Carolina. Fazer parte da vida de uma ouvinte ou vice-versa tinha suas vantagens. Só bastava encontrá-las.

— Minha filha me contou como vocês se conheceram — a boleira indagou.

— *Ah. O dia do acidente* — Carolina traduziu os gestos dele, no automático, para logo em seguida se arrepender.

— Acidente? — Adélia apresentou o vinco entre as sobrancelhas. A filha havia descrito o encontro de outra maneira: a garçonete interessada no cliente.

— *Você não contou para sua mãe?* — perguntou para Carolina. Ela negou com a cabeça baixando o rosto em chamas. Lembrar daquele dia a envergonhava muito. Além, é claro, do pavor de ser causadora de algo grave com o homem por quem estava apaixonada.

Matheus não compreendeu o motivo para esconder tal fato. Sua objetividade não permitia aquele tipo de sentimento. Talvez por não estar na mesma sintonia que Carolina, talvez por acreditar que tudo se tratava de uma série de acontecimentos inusitados. Ou ainda, a razão fosse o fato da enfermeira manter seu amor em segredo.

Com a ponta do dedo, levantou o rosto dela antes de gesticular.

— *Bom. Pode deixar que eu conto. Você traduz, certo?!* — Carolina concordou, afinal o que mais poderia fazer?

Ele se virou para todos na mesa e começou com o relato.

Depois do choque inicial da família e as risadas que se seguiram,

Matheus relaxou o corpo e a mente. Deixou que os gestos e expressões faciais falassem por si só, chegando ao ponto de interpretar uma piada através de mímicas.

Carolina estava encantada com a postura dos pais e irmãos. No início, houve aquele choque cultural, porém, ele logo se dissolveu no charme das covinhas de Matheus. A família acolheu a notícia daquele relacionamento como ela havia imaginado, sem qualquer tipo de preconceito.

Enquanto ajudava Adélia a organizar a sobremesa, ela relanceava olhares na direção do namorado. Matheus tentava uma conversa quase tranquila com Jonas, o irmão mais velho. Por mais que o diálogo parecesse conturbado, o entendimento ficava cada vez mais visível.

— Vocês formam um lindo casal — Adélia acomodou o bolo crocante com calda de caramelo no centro da mesa. — Gostei bastante dele.

— Ah. Obrigada — Carolina pegou um prato repleto de brigadeiros e colocou ao lado de Matheus. Ele virou o rosto na direção dela o suficiente para agradecer, levar o doce à boca e voltar para o bate-papo com o Jonas. — Ele é ótimo — ela comentou num tom sonhador.

— No início, ele ficou um pouco confuso com a gente. Isso deu para ver, mas depois pareceu se encaixar com a nossa loucura — Adélia arrumou os pratos e os talheres.

— Sim, eu percebi. E olha que eu já havia dado uma prévia da nossa família — Elas sorriam. Carolina olhou na direção da sala onde descansava o pai e os outros irmãos. — Acho que ele se ajeitou muito bem e ler lábios o ajuda bastante. Vocês foram ótimos, mamãe.

Carolina tentava não encarar a conversa que acontecia quase ao seu lado. Mas, como interpretar os sinais parecia, naquele momento, bem normal, sua mente acompanhava o diálogo totalmente masculino: futebol, academia e carro.

— Como poderíamos ser diferentes? — a matriarca interrompeu a atenção da filha. — Matheus é uma pessoa como qualquer outra, Carolina. Branco, preto, surdo, cego... não importa. Se ele é o homem que você ama, então iremos te apoiar.

A enfermeira virou o corpo para mãe. De costas para o namorado, por medo dele ler os lábios, é claro, decidiu perguntar o que seu coração gritava por um conselho sábio.

— Seria muito cedo da minha parte, desejar um futuro grandioso para nós?

— Como assim?

— Casamento, filhos... Não agora, claro — apressou-se a completar. — Porém, sonhar com esse arranjo. Imaginar as nossas vidas entrelaçadas. Não sei bem de onde veio essa certeza, mãe, mas algo me diz que ele é o homem certo para mim. — Carolina sussurrou a resposta, por medo do irmão ouvir a conversa com a mãe.

Por um momento, Adélia olhou sobre o ombro da filha direto para o homem de barba bem-feita e camisa polo. Mais relaxado na postura e nos gestos, o aceitou como o parceiro ideal para sua preciosa Carolina. Compreendeu que o amor acontece nos lugares e nas uniões mais inusitadas.

— Lógico que não. Mesmo que poucas pessoas admitam, quando iniciamos um namoro o desejo de que ele seja o “final feliz” — fez as aspas para acentuar as palavras — sempre está presente. Posso ser arcaica nessa questão, mas não vejo pessoas namorando por namorar. Entende? Todo ser humano deseja ser feliz, no fundo. O propósito está ali, num canto escondido da nossa mente, vivo e respirando. Se o seu coração está lhe dando essa certeza, então, acredito que ele esteja certo. E, se por acaso, o Matheus não for o seu futuro, tudo se encaixará no tempo certo, minha menina. A vida é muito estranha e cheia de mistérios, mas sempre dá um jeito de mostrar o nosso lugar no mundo.

Carolina escutou as palavras de Adélia sentindo o orgulho pela mãe crescer em seu peito. A boleira não tinha estudo e nem desejava ter certificado, porém, tinha sabedoria. Naquele caso, não precisava levar em questão as disciplinas aprendidas, além daquelas que a vida lhe mostrou. Num gesto de pura alegria, ela aproximou-se da mãe para abraçá-la.

Matheus e Jonas viraram seus rostos na direção delas, para apreciarem a demonstração de afeto que enchia a pequena sala de jantar de paredes amarelas. Sem entender ao certo o que acontecia e sem dar importância ao

ato, serviram-se de uma fatia de bolo cada. Amor não precisava de explicação, Matheus concluiu.

Adélia, ainda abraçada à filha, tinha os olhos fechados pela emoção. Sua menina havia encontrado o verdadeiro amor e, pelo que enxergou no rosto de Matheus, a recíproca era verdadeira. Por essa razão, ela deu um suspiro profundo e, na tentativa de amenizar a situação, falou em tom baixo.

— Vou adorar fazer o bolo de casamento de vocês.

Enquanto Matheus saboreava a mistura do brigadeiro com o crocante do bolo, ele sentiu um frio lhe gelar a espinha. O garfo escapuliu de sua mão transformando aquela sobremesa deliciosa numa confusão pegajosa, bem em cima da toalha de mesa de linho branca.



MATHEUS ERA UM homem com uma compleição física bem encaixada em todos os lugares: bonito, simpático, alto, inteligente..., porém, medroso. Uma covardia que beirava a ignorância.

Depois do almoço na casa de Carolina, ele havia se tornado uma pessoa temerosa. Na verdade, sempre fora. Ter um relacionamento sério com uma ouvinte, não fazia mais parte dos planos. Mesmo que o seu namoro com a universitária corresse nessa direção.

Não dava para fingir que nunca pensara nisso, uma vez, quando jovem, ele entregara seu coração para a menina mais linda do colégio. Ela o encantou com seu sorriso enigmático, as sobrancelhas bem delineadas e os olhos negros como os cabelos longos. O envolvimento entre eles começou de maneira tímida e logo se tornou numa tempestade de verão.

Fora o seu primeiro amor de verdade. Seus dias eram preenchidos com alegria, êxtase e submissão, até roubar as energias por completo. Infelizmente, Matheus demorou para compreender que os lábios que tanto adorava beijar tinham vergonha do namorado surdo.

Após esse trágico intercâmbio, Matheus decidiu limitar o seu envolvimento com os ouvintes, principalmente os amorosos. Era melhor permanecer entre os seus semelhantes, um mundo muito mais seguro. Até a chegada de Carolina. A enfermeira havia conquistado um espaço grandioso



na vida dele. Mas, casar? A ideia parecia absurda, precipitada e contagiante. E esse último detalhe o amedrontava além da razão.

Entretanto, o que ele não sabia ou nem se deu o trabalho de questionar, fora qual o contexto as palavras de Adélia foram ditas. Matheus se assustou e assumiu o pior - um futuro já estipulado por Carolina - moldando uma sentença perdida esquecendo-se de que a sua surdez, algumas vezes, impedia a compreensão completa.

Dentro desse erro gigante, os próximos passos dele foram cautelosos ao ponto de Carolina perceber que algo estava errado.

— Não sei o que poderia ter acontecido, senhor Tadeu. Ele parece diferente depois de conhecer meus pais. Acho que me precipitei — Carolina ergueu a persiana do quarto. Sem ao menos perguntar o desejo dele. O dia estava ensolarado e ela odiava o escuro. — Em minha defesa, não o forcei a aceitar o convite. Foi tudo muito natural — Ela escondeu o rosto, ou melhor, a mentira do seu novo amigo.

— Bundão... — o paciente murmurou e abriu um sorriso com alguns dentes faltando. A enfermeira aparecera na hora certa. Sua mente necessitava de distração, ou sucumbiria às palavras ditas pelo médico: “temos que fazer outra cirurgia”.

— Vou fingir que não ouvi esse comentário maldoso. Não sei explicar direito como o Matheus está. Em certos momentos, seus olhos e suas feições estão tranquilas ou amorosas. Já outras vezes, ele demonstra um nervosismo, uma inquietação que me deixa confusa. É como se ele tivesse um interruptor dentro dele e estivesse com defeito. Sei lá. Não consigo entendê-lo.

Senhor Tadeu gostaria de explicar a enfermeira que procurava algo para fazer evitando deixá-lo sozinho, que o namorado na certa deveria estar confuso. Talvez até inseguro com a intensidade e impulsividade dela. No lugar dele, com certeza, também estaria, concluiu. Ser o responsável pelo brilho de felicidade que emanava de Carolina, não era para homens fracos. Não. Para acalantar aquele coração, encher sua vida de alegria e paz, teria que ser uma pessoa corajosa e responsável. Contudo, o médico o proibiu de ter conversas longas e aquela explicação levaria horas.

Por esse motivo, deu de ombros, tocou na mão de Carolina quando ela se aproximou e repetiu a palavra desejando que pudesse entender as entrelinhas.

— Bundão.

— Hum. Estou vendo que hoje estamos bem rebeldes. Hein?! — Carolina acionou o botão na cama erguendo um pouco o encosto. Ajeitou os travesseiros e depois auferiu a pressão. — Minha amiga Marina, acha que eu estou exagerando e pulando etapas do namoro. Talvez esteja. Não sei. Talvez a confusão faça parte somente da minha cabeça. Preciso desacelerar um pouco. O que o senhor acha?

O paciente desejou pronunciar palavras otimistas, aconselhar a única pessoa que ainda conversava com ele e dizer que ela não precisava esconder os sentimentos. Qualquer homem sábio, inteligente, cairia de amor pelo seu sorriso e seu coração bondoso. No entanto, outra vez, seria necessário um discurso bem doloroso.

Ele deu de ombros e depois pousou a mão pálida sobre o coração.

— Ah. Não sei exatamente como interpretar os dois gestos distintos numa mesma sentença, senhor Tadeu. Acho que precisamos melhorar a nossa comunicação — ela verificou as horas no relógio —, mas agora não posso. Já deu o meu horário. Voltarei amanhã. Certo?! Se comporte. E pare de derrubar de propósito o sabonete durante o banho ou vou contar a verdade para a enfermeira da tarde. — O paciente deu um sorriso insolente. A moça que ocupava o lugar da Carolina, não tinha muita paciência com ele.



Era tudo imaginação da sua mente ansiosa, Carolina concluiu. O estado indecifrável do Matheus deveria estar relacionado com algo do trabalho, ela imaginou. Afinal, não fazia muito sentido estar perturbado com o almoço em família e convidá-la para ir à uma festa de aniversário do amigo dele.

Por esse motivo, afastou as besteiras que rondavam a mente e se arrumou para a comemoração. Aproveitando o silêncio, proporcionado pela saída dos familiares, tomou um banho demorado, esfoliou o corpo — pensando num

término de noite bem impertinente —, escolheu um vestido azul marinho com pequenas flores coloridas e delicadas na altura dos joelhos; uma sandália de salto médio e tiras finas; e dois pontos brilhantes nas orelhas. Deixou os cabelos soltos, mas prendeu a franja com um grampo invisível na lateral. Nada muito chamativo, nem pacato, porém confortável.

Carolina, novamente, parecia alheia ao poder que exercia sobre Matheus. Olhar para ela caminhando na sua direção e descendo as escadas como uma cena de filme, o deixou sem fôlego. A roupa simples o atingiu em cheio, assim como os lábios tingidos de gloss transparente e aquela pinta saborosa.

— Demorei? — ela falou e gesticulou. Uma rotina, na frente dele.

— *Não. Você está muito bonita* — Carolina sentiu o rosto esquentar. Adorava receber elogios.

— Obrigada. Posso dizer o mesmo de você — não somente podia, como deveria. Matheus estava um sonho de consumo, ou melhor, a espécime ideal de cobiça. A barba bem aparada, assim como os cabelos penteados; calça jeans escura, camisa branca de manga longa e sapato pretos; os olhos em chamas.

Matheus se aproximou tocando os lábios dela com delicadeza, quando ficou impossível controlar um pouco do desejo, inalou o aroma de Carolina tentando decifrar a fragrância da mulher que o encarava com um toque de volúpia e timidez.

— *Brigadeiro* — ele gesticulou, quando se deu conta de que identificara o sabor dela. A mente poderia estar um pouco confusa com relação ao namoro, mas, com certeza, seria impossível saborear aquele doce tão viciante sem associa-lo à Carolina.

— Devo ter algum na cozinha. Você quer comer agora? — ela achou estranho o pedido, mas conhecia o fascínio de Matheus pela guloseima.

— *Não* — ele a segurou antes dela afastar-se. As mãos potentes e seguras no braço nu e sedoso, despertou o corpo dele. Carolina o fitou confusa. Matheus deu outro passo à frente desejando que as palavras saíssem de seus lábios sem precisar usar as mãos para dizer o verdadeiro significado daquele doce. — *Você tem gosto de brigadeiro.*

Carolina parou uns instantes repetindo os gestos dele dentro da sua cabeça. Uma. Duas vezes. Sim, ela havia entendido. E, sem menosprezar a referência, abriu um sorriso genuíno. Deu de ombros como se não tivesse qualquer culpa com a situação. E não tinha mesmo.

Matheus colocou as mãos em concha no rosto dela aproximando os lábios novamente. Diferente do selinho singelo de antes, o beijo fora um pouco mais ousado e urgente. Ele buscou dentro da boca dela, a origem daquele sabor tão convidativo. Usou e abusou da língua exigente de Carolina trazendo para dentro do seu corpo todo o desejo que ela emanava. Um minuto se tornaram dois e o ar parecia escapar de ambos. Presos naquele desespero, deixaram as mãos correrem livremente amassando as roupas e despenteados os cabelos. No caminho da festa, dentro do carro, dariam um jeito nos trajes e na maquiagem. Por ora, alimentar aquela fome parecia mais importante para sobrevivência deles. Os corpos se envolveram numa dança sensual, assim como os gemidos conspiratórios.

Senão fosse o telefone de Matheus vibrando no bolso da sua calça jeans, talvez ele tivesse levantado um pouco mais o vestido de Carolina e saboreado outras partes. Contudo, havia uma festa de um grande amigo para ir e várias mensagens exigindo sua presença.

Por esse motivo, o beijo diminui para pequenos toques até chegar no suspiro de um desejo. Afastaram-se sem vontade, mas deixaram suas testas encostadas. Matheus se recuperava daquela fuga descabida da razão e postura. Culpa dos brigadeiros, ele concluiu. Em contrapartida, Carolina controlava as emoções por outro motivo. Talvez ingênuo, talvez propício para uma mulher apaixonada. Matheus havia lhe dito o quanto amava aquele bendito doce, consequentemente...



QUANDO CHEGARAM À festa, o relógio marcava quarenta minutos de atraso. Os poucos convidados já os aguardavam, assim como a pequena mesa de doce bem colocada no canto direito da sala. Ambos olharam para os brigadeiros organizados nas bandejas brancas e sorriram.

Matheus a apresentou aos amigos. Como ele havia ensinado, na cultura surda cada um possui o seu sinal próprio. Uma identificação dada somente por um surdo e, no caso de Carolina, ela havia conquistado o dela através do namorado. Lógico que a pinta estava envolvida. Como poderia ser diferente?

Carolina correspondeu ao entusiasmo dos amigos, iniciando uma conversa tranquila e quase fluente. Por um ínfimo momento, sentiu-se num mundo paralelo. Talvez da mesma forma que Matheus tenha vivenciado no almoço, ela pensou. As festas na casa de sua família eram sempre barulhentas, cheias de conversas sobrepostas assim como as músicas exageradas. Porém, ali dentro daquele apartamento modesto, os únicos sons eram os murmurinhos de algumas pessoas, os toques excessivos dos talheres, pratos e copos nas mesas.

Durante alguns minutos ela participou avidamente dos diálogos, ao mesmo tempo que acompanhava a naturalidade de Matheus entre os demais. Ele parecia tranquilo, alegre e brincalhão. Sorria e gesticulava sem a incumbência de reprimir os movimentos, ou melhor dizendo, sem preocupar-se

em traduzir as sentenças. Como acontecia com ela, Carolina concluiu, com tristeza.

Lógico que ela compreendia que muito em breve, não haveria necessidade de uma comunicação aos pedaços entre eles. Contudo, a sensação de estar no lugar e na hora errada parecia lhe acompanhar durante a comemoração. Poderia ser resquícios da insegurança que andava lhe rondando, ou não.

— Também me senti perdido no começo.

— Ah — ela deu um pulo chacoalhando o copo em sua mão. Alguns respingos sujaram seus dedos.

— Desculpe pelo susto.

— Não foi nada. Eu estava prestando atenção nos convidados e acabei me desligando do mundo — Carolina encarou o homem ao seu lado. Avaliou a beleza rude, as maçãs do rosto bem delineadas e o queixo proeminente. Diferente de Matheus, os olhos dele eram fáceis de identificar a cor negra. — Então ainda tenho esperança.

— Claro. Davi — ele ergueu a mão para cumprimentá-la.

— Carolina — o toque firme e quente, em outros tempos, aguçaria sua luxúria. — Ainda estou aprendendo os sinais. E para poder acompanhar a conversa, eles precisam ser feitos com calma ou tenho que pedir para repetir. Mas...

— Nem todos têm a paciência para fazer isso.

— Exato. Pensei que somente eu tinha notado essa parte — Carolina depositou o copo na mesa próxima. Aquela era uma opinião que ela não havia comentado com o namorado. Por vergonha, talvez.

— Não. Mas em defesa deles: alguns surdos são tímidos ou não conseguem encontrar outra forma de fazer um ouvinte entender o que querem dizer.

— Não tinha pensado por esse ângulo.

— Assim como é um mundo totalmente novo para você, também é para eles. Os dois lados precisam ter um pouco de paciência — ele sorriu exibindo

os dentes perfeitos.

— Certo. A partir de hoje, menos julgamentos e mais ação.

Eles passaram os minutos seguintes conversando sobre os costumes e a cultura surda. Carolina descobriu que Davi era amigo do aniversariante e trabalhava como tradutor e intérprete de Libras. Notou que parecia mais fácil expor suas dúvidas a um estranho do que falar com Matheus. Tudo uma questão de lógica, Davi a escutava e não usava as mãos para explicar.

De vez em quando, o namorado da enfermeira passava por ela, depositando um beijo em sua bochecha e oferecendo uma bebida. Carolina agradecia a delicadeza e o dispensava com carinho. Compreendia a necessidade de ele circular pela sua “turma” sem qualquer problema com rejeição. Assim como ele se enturmara na casa de sua família, era a vez dela em retribuir.

— Que tal praticarmos um pouco os sinais? — eles estavam parados perto da mesa de doce. Davi levava à boca um brigadeiro e ela sentiu as bochechas quentes.

— Acho que já conversei com todo mundo aqui — ela se virou para o centro da sala, perscrutou o local. No máximo dez pessoas ocupavam o espaço.

— Não dessa forma. Podemos fazer como no meu trabalho. Eu vejo os sinais e os traduzo. Ou vice-versa. Certo?! — ela concordou com a cabeça. — Então, nós vamos nos sentar aqui — Davi puxou duas cadeiras para perto deles — e prestar atenção na conversa de todos para traduzir. Que tal?

— Uma invasão de privacidade, né?! — Carolina sentou-se ao lado de Davi.

— Pense mais como uma aula prática.

— O.K. Por quem começamos?

— Hum... — Davi relanceou ao redor buscando uma conversa fácil de ser traduzida. — Aquele casal. — ele apontou na direção dos participantes. — O que ele está dizendo?

Carolina prestou atenção aos movimentos durante alguns segundos.

Entretanto, a rapidez das mãos a impediam de fazer uma leitura tranquila.

— Só peguei algumas partes: cinema, ônibus, amanhã... — ela balançou as mãos exibindo sua frustração. — Depois me perdi.

— Você não se saiu tão mal. Acho que só precisa organizar esses tópicos dentro da frase. Ele disse que irá de ônibus ao shopping e ao cinema amanhã.

Eles passaram os minutos seguintes se divertindo e estudando os gestos. Carolina estava determinada a aprender tudo o que Davi estivesse disposto a lhe ensinar. Tudo com um único propósito: melhorar o seu desempenho com Matheus. Ele, por outro lado, sentia-se incomodado com o sorriso perfeito que ela dava ao novo amigo. Um ciúme ridículo, no seu conceito, uma vez que ele ainda se lembrava do sabor dos beijos dela. Aquela paixão, aquela ânsia testemunhada mais cedo não poderia ser fingimento. Carolina com certeza gostava dele. Pelo amor de Deus! Ela pensava em se casar com ele! Lógico que não se importava com sua surdez.

— Bom. Só mais um e depois paramos — Davi determinou depois de vários treinos. A moça poderia ser tímida, mas era muito aplicada... e bonita, ele concluiu para si mesmo.

— Tá bom. Mesmo que tudo faça parte de uma aula. Ando recebendo alguns olhares irritados.

— Relaxa — ele pousou a mão sobre o braço dela, num gesto talvez despretenso. — Vamos olhar o seu namorado conversando com aquele cara ali. — A enfermeira hesitou por um segundo. Se intrometer na conversa dele não parecia correto, mas não fora exatamente isso que fizera com os demais? Por que com Matheus deveria ser diferente? — Vamos lá. Preste atenção neles.

Primeiro Carolina esquadrinhou o corpo perfeito do namorado, os cabelos bagunçados, os lábios deliciosos até chegar nas mãos seguras e ligeiras. Deixou a cobiça para mais tarde e acompanhou a conversa em andamento por algum tempo.

De repente, alguns movimentos bruscos lhe despertaram uma sensação estranha. Parou uns segundos para avaliar o conjunto todo. A postura de Matheus antes relaxada, agora parecia mais ereta, a face exibia as



sobrancelhas vincadas para depois expressarem um ar de desgosto que fora impossível não entender.

A enfermeira voltou seus olhos para as mãos de ambos. Perguntas e respostas tão nítidas que ela perdeu o fôlego por instantes.

— Carolina... — Davi chamou ao seu lado. A voz inquieta confirmava as suspeitas dela.

— Acho que a nossa prática deu certo — ela engoliu com vigor. Lágrimas determinadas ameaçavam cair, mas Carolina respirou fundo para contê-las.

— O que você entendeu?

— Tudo, Davi. Fiz exatamente como me ensinou. Organizei os tópicos e montei a frase completa — ela virou o rosto na direção do novo amigo. Continuar olhando para Matheus, lhe doía a alma.

— Com certeza deve haver uma explicação — Carolina odiou a piedade que havia por todo o semblante de Davi.

— Será? Acho que não — agora tudo fazia sentido, ela pensou.

— Sinto muito. Se eu puder ajudar em algo.

— Eu preciso sair daqui — o mais rápido possível, quase concluiu a frase. Antes que fosse tarde demais. Seu corpo tremia pela maneira como controlava sua destruição iminente. — Você pode distraí-lo para mim? Por favor. No caminho para casa, mando uma mensagem para ele.

Davi tentou refutar aquela ideia, mas percebeu que seria uma batalha perdida. E, de certa forma, não seria correto deixá-la perto de Matheus por mais tempo. Só aumentaria o sofrimento. Com a promessa da parte de Carolina em enviar uma mensagem, tanto para ele quanto para o namorado, assim que chegasse em casa, seu amigo a ajudou na fuga.



ELA FUGIU. UMA fuga descabida e muito mal explicada com uma mensagem de texto. *Problemas no hospital*. Pura mentira, Matheus concluiu. Afinal, Carolina era somente uma estagiária com horários e dias já estipulados. Não havia plantões extras, sem qualquer aviso prévio. Então, seguindo por esse raciocínio, a desculpa não passava de uma armação.

Se fosse sincero e, no fundo era o que fazia naquele momento sentado sozinho no seu apartamento, talvez esse afastamento tenha sido o melhor para ambos. Pelo menos, até Matheus organizar a mente.

Tudo estava embolado, uma confusão maluca que lhe dava dores de cabeça. Tanto no que tangia os pensamentos, como no coração e na surdez. Ele ficou atordoado com o lance do bolo de casamento, isso era um fato. Na verdade, entrou em pânico ao cogitar tal atrocidade com uma ouvinte. Como seria a vida deles? Os filhos também seriam surdos? Carolina conseguiria viver com o silêncio constante?

Pior do que as perguntas sem respostas, fora o ciúme que sentira de Davi. Um profissional bem quisto no mercado, com um alto conhecimento dos sinais, boa pessoa, boa pinta e com todos os órgãos vitais funcionando perfeitamente. Ele poderia ouvir a voz de Carolina, essa era a verdade que ajudava a bagunçar o discernimento de Matheus.

Desde a sua adolescência, Matheus não se ressentia pela surdez. A última

vez, acontecera no término daquele namoro estúpido que tivera no colégio. Jurou a si mesmo que o fato de viver no silêncio, trabalhar com a surdez e viver entre os seus semelhantes seria o ideal. Contudo, naquela hora, parecia uma vida incompleta. Como prova dessa ânsia ele colocou o aparelho auditivo, guardado havia tempos na gaveta.

Talvez se pedisse com bastante fé e se acreditasse no gênio da lâmpada ou em Papai Noel... ele conseguisse ouvir a risada de Carolina ou o seu nome pronunciado por aqueles lábios deliciosos. No entanto, quando ligou o aparelho tudo continuava da mesma forma. Nem mesmo um zumbido suave chegou aos ouvidos. E perdido para a tristeza, Matheus cerros os olhos deixando a surdez o engolir.



A fuga era verdadeira e, infelizmente, a descrição na mensagem também. Quando escapou pela porta na área de serviço do apartamento, Carolina cogitou algumas desculpas que escreveria para Matheus. Todas elas deveriam ser a mais verossímil possível, afim de evitar que ele viesse ao seu encontro. A enfermeira necessitava de tempo para pensar e aplacar o orgulho ferido.

Contudo, enquanto aguardava o táxi numa rua próxima, ela recebera um telefonema da enfermeira de plantão – uma amiga que fizera durante o estágio – informando que o senhor Tadeu havia tido algumas complicações. Lógico que era totalmente errado Carolina obter essa informação fora do contexto hospitalar, afinal ela não fazia parte da família. Entretanto, paciente e estagiária haviam desenvolvido uma amizade verdadeira e benéfica para ambos. E baseado nesse fato, os canais ilícitos foram acionados.

Sem pensar muito, ou melhor, precisando desesperadamente ocupar os pensamentos com algo divergente, ela afastou o tema Matheus para um canto fechado da mente e deu o endereço do hospital ao taxista.

— Como ele está? — perguntou sem cerimônia, parou no balcão de enfermagem. Sua amiga interrompeu o preenchimento dos relatórios e levantou o rosto.

— Melhor. Na verdade, nem foi tão grave assim, mas, como te conheço e tenho amor aos meus ouvidos, achei melhor te ligar — consultou as horas e tomou um gole d'água. Ainda faltava tanto tempo para terminar o plantão. Estava tão cansada.

— Você fez bem. O que ele teve? — ela batia os dedos sobre a madeira branca, tentando aplacar o nervosismo.

— A pressão atingiu um pico preocupante, mas agora está controlada. O médico passará pela manhã, para fazer alguns exames antes da cirurgia.

Carolina soltou o ar com força. O corpo dando os primeiros sinais de relaxamento.

— Vou dar uma olhada nele. O.K.?! — ela se virou para o corredor fitando a porta que pretendia adentrar.

— Não demore, Carol, por favor. Se alguém descobrir que te liguei, ficarei em maus lençóis. Você sabe tão bem quanto eu que não devemos explorar esse tipo de relacionamento.

— Eu sei, Ana. Não se preocupe. Serão somente alguns minutos. E... — começou a caminhar na direção do intento, mas parou para dar uma última palavra. — obrigada.

Carolina entrou no quarto, com cautela. O ambiente estava tranquilo, assim como o aroma de limpeza misturado ao toque frio. A pouca luminosidade vinha da televisão ainda ligada, mas sem som. Encarou a figura frágil do Tadeu, coberta pela manta listrada em tons de azul.

Aproximou-se da cama, evitando ruídos desnecessários até parar perto do paciente. A respiração dele saía tranquila, diferente da enfermeira. Carolina compreendia que a aproximação era errônea, passível de julgamento pelos superiores. Porém, não conseguia evitar a dor no coração ante à fragilidade daquele senhor simpático. Com certeza, não era o primeiro e nem seria o último paciente que ela teria aquele tipo de contato. Mas o que poderia fazer? Nada, além de lhe trazer um pouco de alívio.

Senhor Tadeu abriu os olhos, encarando através da névoa sonolenta o rosto preocupado da amiga. Ajeitou o corpo cansado de permanecer no hospital e emitiu um murmúrio de reconhecimento.

— Fiquei sabendo que o senhor deu um pouco de trabalho — Tadeu esboçou um pequeno sorriso levando as mãos aos olhos para afastar o sono.

Carolina puxou a cadeira e sentou-se ao lado da cama. Os pés doíam, além do coração.

— Exagero — ele deu de ombros, como uma criança rabugenta. Estava de saco cheio de ficar preso à cama e se antes esquivava-se da cirurgia, agora aceitara o procedimento. De uma maneira ou de outra, desejava ir para casa.

— Duvido. Mas não se preocupe, nossa meta aqui é cuidar dos exageros — a enfermeira deu uma respiração profunda, para acalmar o corpo agitado. Entre o dissabor com Matheus, a fuga e o telefonema, tudo parecia grandioso demais para os ombros rendidos. Ela desejou um segundo de paz, tranquilidade e a mente em branco.

Tadeu notou o semblante apático dela. Nada de sorriso. Nada do brilho nos olhos. Nada de falatório exagerado. Percebeu que algo havia acontecido e na certa tinha relação com o namorado complicado.

— Bundão — ele ergueu uma de suas sobrancelhas grisalhas.

— Ah — Carolina demorou um instante para associar o comentário, mas logo se lembrou da conversa do outro dia. Por muito pouco, não despejou sobre ele a confusão em que se metera, porém, não era certo com a saúde de Tadeu. — Sim, Matheus. Ele está bem.

Até parece! Tadeu quis replicar.

— Cansada — talvez fosse melhor seguir por outro caminho, para tentar descobrir a verdade. Ou aguardar o dia seguinte. Ele tinha certeza de que a enfermeira não conseguiria se conter por muito tempo.

— Um pouco. Tive um dia agitado. Não se preocupe — Carolina se levantou, quando o desejo de revelar a verdade tornou-se quase insuportável. Desabafar as dores, talvez lhe fizesse bem. Quem sabe traria mais clareza para o ocorrido. Mas o paciente necessitava de descanso e não de um falatório de uma moça ingênua e apaixonada. — Preciso ir embora, só passei aqui para ver como o senhor estava. Volto amanhã.

— Fique... — ele segurou o braço dela e com a outra mão aproximou o

indicador e o polegar indicando o tempo.

Ela realmente queria ir embora e chafurdar nas feridas sem qualquer dignidade. Entretanto, seria impossível numa casa tão cheia e agitada.

— O.K. Mas somente um pouco. Já está tarde — voltou a se sentar.

— Fale — ele insistiu. Talvez se forçasse um pouco a barra, ela cederia.

Pela primeira vez, Carolina não estava com ânimo para conversar assuntos supérfluos. Na verdade, seu maior desejo era deitar a cabeça na beirada da cama e receber o toque gentil do senhor Tadeu. Um gesto que seu pai costumava fazer. Porém, ela não poderia recusar aquele pedido. O paciente estava em condições bem piores do que ela e seu ego ferido.

— Tudo bem. Hoje faremos diferente, vou te contar uma história. Era uma vez uma princesa....

Passados alguns minutos, as palavras de Carolina misturavam fantasia e realidade. Tudo parecia muito complexo e cheio de reviravoltas. O corpo estava exausto e os bocejos vieram sem educação. Diferente da amiga, Tadeu se mantinha alerta e quando percebeu os olhos dela quase fechando, deu uma batidinha na beirada da cama. Carolina abaixou a barra de proteção e pensou em deitar a cabeça somente um pouquinho. Cinco minutos e tudo voltaria ao normal. E, seu último pensamento, como sempre foi no Matheus, enquanto Tadeu deslizava os dedos trêmulos pelo cabelo loiro.



— VOCÊ PRECISA CONVERSAR com ele, Carol. Exigir satisfações, xingar, gritar... — a funcionária ergueu uma de suas sobrancelhas. — tudo bem, sei que ele não escuta, mas entenderá perfeitamente sua reação.

— Eu sei, Marina. Mas não estou com muita vontade, ou melhor, ânimo para esclarecer o meu sumiço. Essa semana foi difícil. Tentar driblar os pensamentos entre Matheus e as provas, não foi fácil. O meu estágio está acabando... — Carol empurrava o carrinho do mercado desviando das pessoas paradas no corredor dos enlatados. — Teve ainda a cirurgia do senhor Tadeu.

— Não esquece os brigadeiros — Marina conferia a lista de compras. Como uma amiga atenta, percebeu que Carolina precisava de muita distração para afastar a tristeza. Por esse motivo, deixou o restaurante nas mãos dos funcionários e a carregou para o mercado.

— Ah. Sim. Nunca produzi tanto doce como esses dias. Minha casa parecia uma fábrica de chocolates: o aroma, as panelas, o forno trabalhando sem parar — a enfermeira estremeceu ao se lembrar da cozinha empapuçada de encomendas. — Dona Adélia se superou dessa vez.

— Na minha opinião, você aproveitou todos esses afazeres para fugir do Matheus. Estou certa? — Marina se virou para amiga, encarou aqueles olhos castanhos tentando esconder a verdade, e colocou no carrinho o fardo de guardanapos.

— Não vou mentir...

— Mesmo porque eu não acreditaria — dispensou o comentário com uma das mãos.

— Lógico. Os meus dias atribulados, na verdade, vieram a calhar — Carolina respirou fundo. A tristeza pesando sobre seus ombros. — Perceber que tudo não passou de um engano, ou melhor, de uma ilusão bem idiota da minha parte, aumentará ainda mais a dor aqui dentro — tocou o peito na altura do coração —, não sei se estou pronta para enfrentar esse momento.

— Adiar também não é a solução, Carol. De uma forma ou outra, você precisa seguir em frente. Além de descobrir a verdade sobre o que viu — a enfermeira tentou replicar, mas a chefe a interrompeu. — Não estou duvidando do que falou e me desculpe se por acaso te ofender, você não é fluente na linguagem dos sinais e pode, muito bem, ter interpretado erroneamente. Ou quem sabe, ter entendido fora do contexto.

— Não sei, Carol. Os gestos foram bem nítidos. Muito bem explícitos, na verdade. — Carolina sentiu o aperto na garganta. Lembrar da cena, sempre lhe trazia a mesma sensação. — Pela reação do Davi, acho que interpretei muito bem.

Eram dois idiotas teimosos, Marina concluiu. Nada lhe tirava a certeza de que tudo não passava de um engano. Por mais que Carolina tenha sido muito específica em relatar o que aconteceu, a chefe experiente nos assuntos do coração, acreditava que havia amor, muito, na verdade, envolto naquele namoro. E suas suspeitas foram confirmadas, assim que Matheus apareceu no restaurante em busca da enfermeira. Os olhos abatidos, a postura cedida, além, é claro, do desespero e da ansiedade que marcavam seu rosto bonito ao procurar por notícias.

— Tudo bem, mas, ainda assim, a questão principal permanece. Você precisa falar com ele. Matheus já te mandou várias mensagens, veio almoçar todos os dias, ficou parado lá fora um tempão tentando te encontrar. Ficar escondida na cozinha, não resolverá nada.

Todo aquele sermão não era uma novidade. Marina vinha insistindo no assunto durante os últimos dias. Carolina compreendia a necessidade de



conversar com Matheus e que fugir parecia uma atitude bem imatura, além da besteira de viver na ilusão. Talvez fosse melhor cortar o mal pela raiz e se afundar na tristeza e na travessa de brigadeiros.

— Você está certa. Vou mandar uma mensagem marcando algo. Prometo — Marina parou na frente da amiga e ergueu o dedo mindinho. Uma tradição iniciada na infância delas. — Sério?!

— Está com medo?! — debochou do olhar de espanto de Carolina.

— Hunf! — a enfermeira retribuiu o gesto ganhando um sorriso satisfatório da chefe. — Mas somente amanhã enviarei a mensagem.

— Carol! — esbravejou a amiga, chamando atenção dos curiosos.

— Tenho mais uma prova, Marina, não queria fazê-la debulhando-me em lágrimas. Dói ter o orgulho ferido, posso te garantir, mas sei que doerá muito mais quando olhar para o Matheus e perceber que acabou tudo.

— O.K. Mas se não cumprir... — havia um toque de advertência na voz de Marina.

— Sim. Sim. Como castigo, meus cabelos cairão, assim como os peitos.

As duas amigas sorriram ao se lembrarem das besteiras inventadas quando crianças. Ainda meninas, perder as longas madeixas e ver os seios murchos como de suas avós era a pior punição que poderiam lhe acontecer. Por essa razão e, por ter ainda um lado infantil dentro da sua maturidade, Carolina cumpriria a promessa.



Matheus precisava descobrir o motivo do sumiço de Carolina. Por mais que ele cutucasse a mente em busca de resposta, nada fazia sentido. Ou quem sabe, tudo se encaixava. Entretanto, continuar sem explicações não parecia o ideal. Ele já vivia no silêncio e admitir a escuridão seria aceitar o fracasso completo.

Por esse motivo, resolveu procurá-la no restaurante, tendo a ausência dela como resposta. Marina esquivava-se dos olhares dele, assim como fingia não

entender o que ele gesticulava. Somente quando escreveu o nome de Carolina no papel, a chefe fora obrigada a responder. Contudo, a notícia não o ajudou. A funcionária tirara uns dias de folga. A princípio, ele não acreditou, porém, depois de algumas horas observando o local, aceitou a informação.

No começo, as mensagens ou ligações de vídeo ignoradas não lhe causaram tanto desconforto. Entretanto, com o passar dos dias – e da quantidade de textos –, o afastamento o deixou alerta. Acusou o carinho e preocupação com Carolina como sinal do seu destempero. Para depois perceber que a profundidade dos seus sentimentos pela enfermeira era o grande vilão.

Com um toque de sabedoria repentina; a casa vazia, o celular mudo, o aroma dela no seu travesseiro e a visão de um brigadeiro na vitrine da doceria, todo seu mundo parecia ter entrado no eixo. Ele estava apaixonado pela enfermeira. Um amor que romperia o silêncio trazendo um zumbido desesperado nos ouvidos. De uma maneira quase mágica, Matheus conseguia ouvir o coração. Talvez a informação correta, fosse a mais simples. Ele sentia os batimentos cardíacos se alterarem sobre os dedos ao se imaginar sem Carolina.

Enxergava o seu reflexo no espelho, os olhos cinza azulados serem tomados pelo pânico se por acaso nunca mais tivesse notícias dela. Os lábios selados para a alegria e o corpo aberto para tristeza.

Matheus sentia falta do sorriso fácil de Carolina, dos toques gentis, da ânsia em adentrar no seu mundo e do som da sua voz. Sim. Ele conseguia ouvi-la, compreendeu. O seu coração a escutava perfeitamente, o retumbar constante quando ambos compartilhavam momentos íntimos e felizes. Os corpos se reconheciam, talvez até mesmo suas almas. Quem poderia julgá-lo por acreditar no amor verdadeiro?

Casamento? A ideia não lhe pareceu mais estranha, muito menos lhe tirava o sono. Ter Carolina por perto todos os dias, enchendo seu mundo de sons, preenchendo os anos com sua energia.... aquela pinta, seria o seu final feliz perfeito.

Satisfeito consigo e com a decisão tomada, Matheus decidiu utilizar-se de medidas mais ousadas. Chegara o momento de agir.





NOS DIAS SEGUINTEs, Carolina tentou cumprir a promessa feita à Marina. Não por medo das consequências, mas sim, para aliviar as dores e as lembranças. Contudo, nenhuma mensagem enviada à Matheus obtivera resposta. Ele havia desaparecido, quase como num passe de mágica.

Por um lado, parecia a maneira perfeita para encerrar aquele assunto. Afinal, a enfermeira não dispunha de muita coragem para enfrentá-lo. Entretanto, por outro, não era um término aceitável de um relacionamento. Ela fugira dele, e Matheus retribuía o favor. Talvez a mensagem de Carolina houvesse sido tão específica quanto a dele, divergente apenas pelos métodos. Matheus usava fones de ouvidos e o livro; ela, por sua vez, usara a cozinha do restaurante, as provas e o estágio como escudos.

— Sim, eu sei. Talvez seja culpa minha. Mas... — ela ergueu a mão enluvada. — ele também não me procurou. Então, se colocar na balança, estamos quites.

Senhor Tadeu acompanhava a explanação de Carolina desejando retribuir o bate-papo. No entanto, as ordens médicas após a cirurgia foram bem claras: sem conversar por uns dias. Aparentemente, o procedimento havia sido um sucesso e ele torcia para que, daquela vez, tudo corresse bem. No entanto, suas mãos funcionavam perfeitamente bem e, como um bom aluno, utilizou-se dos poucos gestos ensinados pela amiga e o caderno de anotações.

— Ele ficou... com... medo — a enfermeira leu o garrancho escrito pelo paciente. — Talvez. Mas, com certeza, foi infundado. Nunca exigi nada além do que tínhamos. O desejo de ter um futuro promissor ao lado dele, sempre esteve apenas na minha mente. Não ousaria mencionar algo tão sério e assustá-lo. Não sou tão louca assim, muito menos desesperada — o paciente emitiu um resmungo ou pelo menos tentou, diante do comentário infundado. — Não sou mesmo!

No dia após a festa, Carolina voltara ao hospital para visitar o amigo e não se contivera, revelou tudo o que havia presenciado, entre lágrimas e fungadas exageradas. Senhor Tadeu, dentro das suas limitações, procurou despertar alguns pontos que ele acreditava ser o responsável pela falta de tato de Matheus. Entretanto, a enfermeira estava resoluta ante suas afirmações e, infelizmente, o horário do banho de esponja dele atrapalhou seus planos.

— A verdade é bem simples, assim como ele mesmo comentou com o amigo — Carolina terminou de injetar a medicação no soro dele com o uso de uma seringa e retirou as luvas. — Ele não gosta de namorar ouvintes. Não faço parte do seu mundo.

Tadeu arriscou pegar o caderno para discordar dela, mas Carolina não permitiu.

— Não tente defendê-lo, novamente. O Matheus foi bem claro — ela começou a repetir os gestos visto naquela noite — “ouvinte, não gosto, namorada, não, gostosa.” Foi mais ou menos essa a sequência da sua frase.

Assim como no almoço em família, quando Matheus assustou-se com as palavras de Adélia, a enfermeira também havia se equivocado ao interpretar os sinais. Ele realmente dissera algumas daquelas palavras, mas numa situação diferente. Tanto Carolina como Davi, não tiveram conhecimento da conversa anterior entre Matheus e o amigo. Ao contrário do que se supôs, o namorado da enfermeira repreendia o colega por ter julgado o seu relacionamento com ela. “Sim, ela é ouvinte. E daí?! Ela é a minha namorada. Não gostei de você a chamar de gostosa”.

Na verdade, o fato de Matheus ter se incomodado com o julgamento e defendido a namorada num rompante, fora o primeiro passo para suas certezas. Carolina era a mulher da sua vida.

No entanto, a enfermeira desconhecia esses fatos e deixou-se abater pela falta de interpretação. Um erro que, infelizmente, pode acontecer com qualquer pessoa. Surda ou não e, na dúvida, melhor do que tirar conclusões precipitadas é analisar todo o contexto, pelo menos esse parecia ser o pensamento mais coerente para o paciente.

— Sem mais... — a enfermeira devolveu o caderno para Tadeu e ocupou-se de conferir suas anotações com o intuito de esconder os olhos rasos d'água. — Vamos esquecer esse assunto. O.k?!

O paciente escreveu algo no caderno e bateu com a caneta na grade de proteção para chamar pela enfermeira.

— Amanhã. Show de mágica — leu os dizeres e voltou-se para Tadeu. — Fiquei sabendo. Mas acho que não poderei ir, tenho os últimos relatórios para preencher e entregar.

Outras palavras escritas e batida da caneta.

— Ah. *Tá* bom. Não me faça chorar, por favor. Estou ficando desidratada. Prometo ir e volto para te contar como foi. Será a nossa despedida — o estágio dela estava no fim, literalmente. No entanto, ela nutria a esperança de ser contratada pelo hospital. Pelo menos, essa foi sua ideia quando entregou o curriculum para os recursos humanos.

Quando Carolina saiu do quarto, Tadeu deixou a tristeza tomar conta por um segundo. Seu tempo ao lado daquela menina/mulher de coração puro e ingênuo estava acabando. Logo aquela amizade ficaria somente nas lembranças, porém, ele acabara de conquistar mais um dia, mais uma boa ação para amenizar suas dores.

Não tão longe dali, Matheus refletia sobre a descoberta do seu erro. Depois de procurar pelo Davi, forçar Marina — fora obrigado a atrapalhar a fila do caixa bem no auge do almoço — a lhe dar maiores informações, ele, enfim, compreendera a atitude de Carolina. Lógico que não afastava por completo a pequena parcela de culpa atribuída à enfermeira, contudo, por ser surdo, deveria saber mais do que ninguém, a importância de se atentar aos fatos.

No fundo, fora tudo um amontoado de mal-entendido. Uma situação que

eles deveriam, esclarecer quando reatassem o namoro, Matheus decidiu. Por esse motivo, ele tentava encontrar uma maneira de se desculpar com a namorada. Ignorou propositalmente as mensagens dela, até que uma ideia brilhante e bem oportunista lhe veio à mente. Era chegada a hora dela ouvir sua voz outra vez...



CAROLINA ESTAVA SENTADA sobre o tapete de “eva”, ao lado de várias crianças. Diferente do último show de mágica que assistira, naquele momento, sua vontade era estar em outro lugar. Contudo, como prometera ao Tadeu um relatório completo, a enfermeira obrigou o corpo e a mente a se concentrarem no pedido do grande amigo.

— O que você está fazendo, tia? — um menino cutucou o braço de Carolina.

— Hã? — perdida em pensamentos, ela demorou um pouco para compreender a pergunta. Ele balançou a cabeça na direção das mãos da enfermeira, que se movimentavam de forma circular.

Na noite anterior, Carolina passara uma boa parte do tempo trabalhando numa encomenda para Adélia. Pela primeira vez, a filha zelosa havia aceitado aquela incumbência gigante sem reclamar. Todo trabalho exaustivo era válido na hora de espantar Matheus da mente. Brigadeiros envoltos com granulados coloridos, tradicionais, bolinhas coloridas, pretas e brancas.... uma mistura muito bem separada para não desandar o pedido.

— Enrolando brigadeiros. Você aceita um?

— Mas eu não estou vendo nada! — o garotinho a encarou, confuso. Olhou novamente para as mãos dela procurando por respostas.



— Vou te contar um segredo — Carolina falou quase num sussurro forçando o paciente a se aproximar. — Eles são mágicos.

— Igual ao show? — arregalou os olhos.

— Isso mesmo! — desejou bater palmas, mas ainda movimentava as mãos igual a moldagem do doce. — Você quer um brigadeiro?

— Se eu comer um desses aí, minhas dores irão embora? — a pergunta direta a pegou desprevenida. Carolina desconhecia o motivo principal que levava aquele menino de rosto fino e cabelos loiros a estar no hospital. Com certeza, sua presença estava pautada numa doença, porém, a extensão do prognóstico e a resposta ante a questão deveria ser a mais verdadeira possível.

— Hum. Talvez. Mas ele só funciona se tomar os remédios também e seguir as ordens dos médicos. Caso contrário, a magia não funciona — o paciente mirim a encarou desconfiado. A enfermeira manteve as feições sérias torcendo para que a ingenuidade ainda estivesse presente da vida do menino. Depois de alguns segundos, ele lhe apresentou com o sorriso genuíno e uma das mãos erguidas em sua direção aguardando o doce imaginário.

Depois de distribuir o brigadeiro e o menino fingir guardá-lo no bolso da bata, as luzes da sala improvisada piscaram duas vezes. Um sinal clássico de que o show começaria. Todas as crianças empertigaram o corpo, assim como Carolina. Bochichos audíveis correram por todos os cantos, até que gritos de euforia conquistaram cada parede branca.

Quatro mágicos adentraram ao local, balançando as mãos com vigor, trajando as roupas já conhecidas: calças pretas, blusas listradas, suspensórios, rostos maquiados e chapéus do pequeno ao grande.

Mesmo que algumas mágicas fossem uma repetição do último show visto por Carolina, elas ainda lhe tiraram sorrisos sinceros. Nada como uma boa dose de alegria para sobrepujar as dores. Fora impossível não se contagiar com a felicidade das crianças e se encantar com o esforço dos mágicos para levar um pouco de paz aos doentes. Em alguns momentos, a imagem de Matheus lhe veio à mente. O sorriso fácil, os cabelos desgrehados, as covinhas e a forma como ele lhe ensinava os sinais.

A enfermeira sentia saudades de tudo. Do pacote completo, do que poderia ter sido o relacionamento deles... do seu silêncio. Com certeza, esquecê-lo seria algo inimaginável e, talvez, ela precisasse de um brigadeiro mágico, igual dado ao menino, para lhe ajudar.

Quando o relógio marcou quase uma hora de apresentação, a tristeza, infelizmente, cessou sua alegria. Lágrimas ameaçavam rolar pelo seu rosto apático estragando aquele sábado de sol. Ela necessitava encerrar o ciclo, talvez, assim conseguisse um pouco de paz para o coração ferido. A visão encontrava-se embaçada pelo choro, então procurou por uma rota de fuga, contudo, todos os caminhos continham obstáculos: crianças, sorrisos, crianças e sorrisos. Carolina encarou as mãos unidas escondendo sua agonia dos demais.

De repente, um toque em seu braço lhe chamou atenção. A enfermeira ergueu o rosto, até se deparar com o garotinho de antes sorrindo. Um silêncio, recheado de cochichos infantis preencheu a sala. Ela desviou os olhos do paciente, até chegar na razão para todo o espanto.

Parado bem na sua frente, um dos mágicos segurava uma cartolina branca com o nome dela escrito em letras garrafais. Carolina relanceou ao redor buscando uma explicação plausível, porém, só encontrou rostos curiosos, assim como o seu.

Sem alternativa, ela aceitou o chamado sorrindo para o mágico. Com todos os participantes acompanhando o desenrolar da cena, uma sequência de cartazes se iniciou.

*Desculpe. Fui um idiota medroso.* Carolina olhou para o mágico. A expressão concentrada e séria, denunciava a importância da obrigação.

*Mas depois de você me atropelar e romper o silêncio.* As surpresas com aquelas palavras reverberavam pela sala. A enfermeira voltou a encarar o integrante principal daquele show e recebeu um sorriso impertinente como gratificação. Ela levou as duas mãos à boca segurando a emoção, quando tudo se tornara nítido.

*Fiquei inseguro com a minha surdez.*

*Acreditei na besteira de que você merecia um homem completo.* Ela

negou com cabeça balançando os cabelos loiros preso num rabo de cavalo. Lágrimas caíam sem controle, quase atrapalhando a leitura das cartolinas.

*De que eu deveria viver no silêncio.* Ao fundo, algumas crianças acompanhavam a leitura, enquanto outras exigiam explicações por ainda não saberem ler.

*Contudo, não quero mais essa serenidade para mim.*

*Eu quero os seus sons, Carolina.*

*O barulho da sua risada, os gemidos apaixonados.* Ela sentiu o rosto esquentar, quando imagens lhe vieram à mente.

*Os gritos de alegria... todos eles.*

*Meus ouvidos não podem te escutar, mas o meu coração sim.* O peito de Carolina parecia prestes a transbordar de amor. O corpo pendia num movimento de vai vem, como se buscasse pelo alento merecido. Ela pensou em se levantar, mas as pernas não obedeciam ao comando.

Sem dó, nem piedade, os cartazes mantinham o ritmo preciso. O principal e o mais importante, necessitava ser visto.

*Preciso de uma vida barulhenta ao seu lado.*

*Dos seus sinais atrapalhados e da pinta tentadora.* A enfermeira esboçou um sorriso em meio à emoção.

*Por isso... e lembre-se de que sou surdo e direto.* Deu um olhar suspeito para o Matheus, que ergueu os ombros num gesto indiferente.

*Faço uma pergunta simples.*

Matheus interrompeu o plano, quando um medo repentino o atrapalhou. Até aquele momento, tudo parecia perfeito. Carolina esbanjava seus sentimentos da maneira como havia imaginado. Entretanto, idealizar o futuro dos dois era um passo gigantesco perto do vivenciado por tão pouco tempo. E se não fosse correspondido? E se Carolina fosse igual à namorada da juventude? Mas... ele tinha que tentar.

*Você quer se casar comigo?*

As pessoas ao redor emitiram um suspiro audível de emoção. A surpresa diante do pedido, feito através de um cartaz com letras negras e um homem com o rosto maquiado e de joelho no chão, trouxe lágrimas emocionadas em todos os corações. Até os menos sensíveis.

As mãos trêmulas de Carolina uniram-se ao corpo instável. Ela releu a frase mais duas vezes, com medo de ter entendido errado. Na sua frente, o cliente misterioso, o homem quase atropelado e dono do seu coração, aguardava uma resposta. A enfermeira percebeu o leve tremeluzir do cartaz, enquanto a expectativa parecia se tornar palpável.

— Acho que você vai precisar dele — Carolina voltou sua atenção para o menino ao lado. Ele tinha a mão diminuta apontada para ela. — Pode ficar com o meu brigadeiro mágico, só aceite o pedido antes de comê-lo.

A enfermeira agradeceu pelo mimo e deslizou a mão pelo rosto infantil. Lágrimas banhavam sua face, quando encarou o *seu* mágico. Respirou fundo e soletrou a resposta tão aguardada por Matheus. Três letrinhas, três sinais simples e objetivos que acabaria com o silêncio de ambos.

Talvez para eles, a vida ainda lhes pregasse outras peças. Alguns desencontros e interpretações errôneas. Contudo, o amor e o respeito seriam os pontos importantes para o relacionamento. Tanto Carolina como Matheus, aprenderam que não existe diferença. Ele sempre a escutou, só estava surdo para o verdadeiro sentimento. Mas, o tempo, a mágica e alguns amigos, sempre uniriam aquele casal. Tudo em nome do amor.

Mais tarde, naquela noite, enquanto Matheus amava sua noiva sussurrando “eu te amo” e a informava de que Adélia já poderia preparar o bolo do casamento, senhor Tadeu encarava a televisão desligada. Imagens do ocorrido no show mágica, descritas pelas enfermeiras de plantão, dançavam na sua frente. Nada como o bom e velho amor, ele pensou. Na certa, Carolina apareceria no dia seguinte para contar a novidade. Por essa razão, talvez fosse melhor dormir. Afinal, teria que estar disposto para horas de pura confissão e alegria.

Ele se ajeitou com cuidado na cama e voltou o rosto para janela. A persiana impedia a visão do céu negro estrelado, porém, ele sabia exatamente o que estava lá em cima aguardando-o. O amor de sua vida. Num gesto

repetido por anos e anos, Tadeu sinalizou um “eu te amo” e se entregou ao sono.



A DEUS, SEMPRE. Obrigada pelos momentos de inspiração.

Assim como as outras, essa história surgiu de maneira simples e direta. Um telefonema, uma frase solta e o desejo de mostrar que, para o amor tudo é possível. Não existe barreiras, preconceitos e, talvez, amores impossíveis. Vamos dar uma chance à felicidade, sempre!

Rosemeire Molan, obrigada pela leitura rápida e precisa; pelos longos áudios e pela maneira certa de me incentivar sempre. #LoveU

Paula Pilar, obrigada pela opinião nos 45' do segundo tempo. Antes tarde do que nunca, certo?! #cagona #LoveU

Mara Santos, você entrou na minha vida e veio para ficar! #LoveU

Glau Tamba, obrigada pela revisão impecável. Não se esqueça, busque sempre o equilíbrio. #tenhafe #LoveU

Layce Design, obrigada pelo trabalho maravilhoso.

Para finalizar, não poderia deixar de agradecer a você leitor, que chegou até o final dessa história.

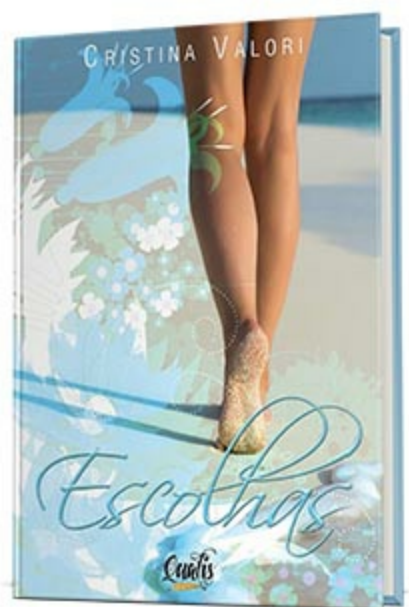
Beijos...



CRISTINA VALORI nasceu e cresceu em São Paulo. Formada em Administração e Letras, tem 41 anos, casada e mãe de dois filhos: Guilherme e Marina. Além da família, seu bem mais precioso, a música e, principalmente, os livros compõem sua rotina. Apaixonada por leitura, se encantou pela escrita e, dessa paixão, renderam frutos: Escolhas (2015), Se eu te perder (2016), Notas de amor (2017) e Até o fim (2018) todos lançados

pela editora Qualis.





## ESCOLHAS

Disponível em formato físico

[Compre aqui!](#)

## SINOPSE

QUEM DETERMINA O que é certo ou errado? O que nos garante a certeza de ter feito a escolha correta? Será que a razão deve prevalecer ou seguir o coração é sempre o melhor? Você conseguiria viver sabendo que as suas decisões podem mudar tudo? Por que o destino as vezes nos testa? Para Fabiana nada poderia mudar a sua história. Ela sempre teve esta certeza, até que a vida provou que nem sempre é fácil decidir qual rumo tomar. Em um sábado como outro qualquer, Fabiana se vê diante de uma situação que mudará a sua estrutura, deixando-a com dúvidas sobre a sua, perfeita, vida. Ela será obrigada a fazer a sua escolha, quando o destino exige uma decisão. Como não se entregar ao verdadeiro amor? Como viver sem se sentir culpada? E por quê? Por que ela estava sendo testada daquela forma? Essas e outras perguntas começaram a fazer parte do seu dia a dia, desde o momento que resolveu seguir os seus sentimentos.

E você? Faria o que? Seguiria o seu coração?



## A MAGIA DO AMOR

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

### SINOPSE

NOHARAM ESTAVA A um passo de se tornar uma mulher amarga e abolir completamente o amor de sua vida. Depois de uma decepção amorosa, decidiu que os romances de contos de fadas pertenciam apenas aos livros. Mal sabia ela que o amor tinha um jeito único e mágico de revirar seu mundo de ponta à cabeça.



## SE EU TE PERDER

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

Disponível em formato físico

[Compre aqui!](#)

### SINOPSE

PERDÃO. UM SENTIMENTO que Laura acreditava não ser capaz de conceder. Vivendo um romance feliz com o seu namorado, Fernando, ela viu sua euforia escorregar de suas mãos quando a notícia da gravidez não aconteceu como imaginava. Desnorteada, encontrou apoio nos braços de Diogo, um médico que estava disposto a aceitar a amizade de Laura como a única alternativa possível. Envolvida pela segurança de seu novo amigo e consumida pela descoberta de um segredo de seu namorado, ela começa a enxergar outro lado de sua própria história. Laura conseguirá perdoar Fernando ou construirá uma nova vertente para sua vida?



## TOCANDO AS ESTRELAS

*Spin-off de Se eu te perder*

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

### SINOPSE

EMBORA SUA CONSCIÊNCIA acreditasse no contrário, Fernando merecia uma segunda chance. Depois de alguns anos buscando o amor, ele desiste. Entretanto, uma lata de tinta azul, uma tesoura e um nome excêntrico surgem para mostrar que o destino é o mestre do tempo.



## DIVAS?

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

Disponível em formato físico

[Compre aqui!](#)

## SINOPSE

AO CHEGAR NA delegacia para mais um dia de trabalho, Clarisse Rocha pensava que já tinha visto de tudo e jamais imaginaria se surpreender com quatro situações tão inusitadas. Que crimes aquelas mulheres, aparentemente acima de qualquer suspeita, cometeram?

Quem diria que Juditi, a viúva que carregava um terço na mão, poderia deixar a delegada espantada depois de contar todas as suas travessuras por conta de um aplicativo em seu celular? Quanto à Samanta? Aquele olhar ingênuo quase a enganou. Quase! Bastou ouvi-la falar para perceber que não havia limites quando ela queria alguma coisa. Coitado daquele que se colocasse em seu caminho.

Desde o momento em que Paloma entrou na sala, Dra. Clarisse mal conseguiu piscar os olhos, atenta a cada palavra que saía de sua boca. Que

mulher iria se autodeclarar perigete profissional, e o que ela teria feito para alcançar dinheiro e fama? Enquanto isso, a persistente Eva pedia ajuda às suas colegas de cela para descobrirem o que a levou à prisão. Tudo parecia estar indo tão bem, se não fosse por aquele maldito bilhete.

Inocentes ou culpadas? Leia os contos, divirta-se e faça o seu próprio julgamento. Você será capaz de descobrir todos os segredos por trás dessas *divas*?





## NOTAS DE AMOR

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

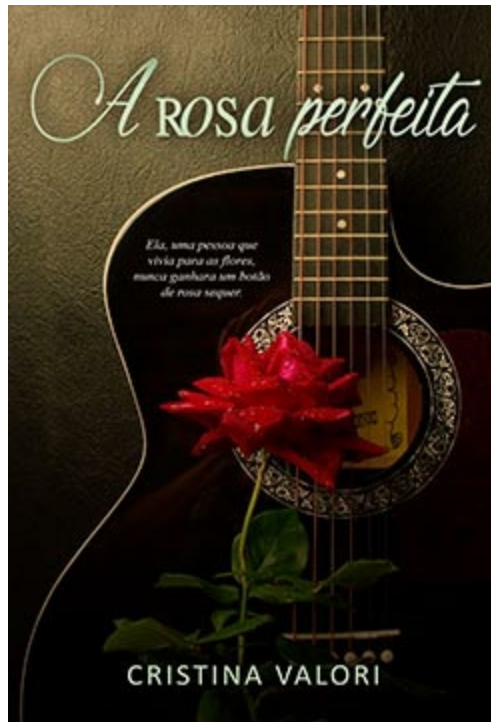
Disponível em formato físico

[Compre aqui!](#)

### SINOPSE

AOS 19 ANOS, Felícita estreou como cantora. A Corriqueira rejeição de sua família e a mistura do álcool naquela noite a aproximou de Maximiano, que, hipnotizado, deixou-se envolver pelas emoções. Ela, pela decepção, ele, pelos acordes do timbre perfeito, ambos encontraram nos braços um do outro o acalento que precisavam. Contudo, as consequências dessa noite marcariam esses dois jovens para sempre. Para Felícita, significaria uma nova trajetória, e para Max, uma longa busca por um par de olhos azuis.





## A ROSA PERFEITA

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

### SINOPSE

ALÉM DAS FLORES e dos jardins, Sara era apaixonada pelo seu avô. Um homem íntegro que a criou cercada de amor e dedicação. Acompanhar os passos dele seria a maneira ideal para demonstrar sua gratidão.

Entretanto, suas convicções serão testadas quando ela aparece no lugar certo, mas na hora errada.



## ATÉ O FIM

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

Disponível em formato físico

[Compre aqui!](#)

### SINOPSE

PAULINHA ESTAVA DETERMINADA a seguir carreira desde menina, conquistar plateias e aplausos, dedicando-se com afinco aos treinos. A oportunidade apareceu, e ela partiu sem arrependimentos deixando família, amigos e, principalmente, o grande amor de sua vida.

Entretanto, o destino resolveu intervir, de maneira que Paulinha não teve como se esquivar. O sonho se tornou um pesadelo, cheio de dores e sofrimentos. Voltar foi a única solução.

Reencontrar as pessoas que deixou para trás e, principalmente, Hedgar, aumentava a sensação de ter perdido para sempre o controle de sua vida, nada abrandava a sensação de vazio.

Será mesmo o amor capaz de curar todos os males?



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

**Facebook | Instagram**

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!